

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

FERNANDA DE LIMA LAUREANO

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM CONCURSOS DE BELEZA:
MONALYSA ALCÂNTARA, MISS BRASIL 2017**

SANTA MARIA, RS, BRASIL
2018

FERNANDA DE LIMA LAUREANO

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM CONCURSOS DE BELEZA:
MONALYSA ALCÂNTARA, MISS BRASIL 2017**

Monografia apresentada à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Relações Públicas

Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho
Co-orientadora: Mariana Henriques

SANTA MARIA, RS, BRASIL
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova a Monografia

A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA EM CONCURSOS DE BELEZA: MONALYSA
ALCÂNTARA, MISS BRASIL 2017

Elaborada por
FERNANDA DE LIMA LAUREANO

Comissão examinadora

Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho

Orientador (UFSM)

Maria Rita Py Dutra, Dr^a.(UFSM)

Andréa Coreli Ortis, Ma. (UFSM)

Santa Maria, 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, juntamente com toda sociedade brasileira, pela oportunidade de formação em uma universidade pública e de qualidade.

Ao Ministério de Educação e Cultura pela oportunidade de me apresentar o Programa de Educação Tutorial da Comunicação, do qual sou bolsista e que, com isso, permitiu minha permanência na universidade. Além de contribuir para minha formação enquanto agente de transformação social e pensamento crítico.

Agradeço ao professor Flavi Ferreira Lisboa Filho, que além de orientador deste trabalho, foi a pessoa que me mostrou a luz no fim do túnel e contribui para meu reconhecimento enquanto mulher negra e pesquisadora.

Ao Grupo de Estudos Culturais e Audiovisualidades da Universidade Federal de Santa Maria agradeço por ter me presenteado com conhecimento, amigos, sabedoria e amor à pesquisa.

Agradeço de coração à Mariana Henriques, minha co-orientadora (que se tornou uma amiga), pela compreensão, amor, carinho e paciência no decorrer desses quase um ano e meio entre projeto de TCC a de fato o TCC concluído. Tuas palavras de “calma, tudo vai dar certo”, me deram a segurança e a força para continuar. Muito obrigada!

Aos amigos, tanto os mais próximos quanto os mais distantes, que sempre estiveram mandando energias positivas para mim, amo todos vocês.

Agradeço meu companheiro, Kenedy, pela parceria, carinho, paciência, amor.... Por entender os momentos difíceis e tentar melhorá-los, por me abraçar e me cuidar em todos os instantes em que desabei e precisava da tua atenção. Eu te amo!

Por fim, mas nunca menos importante, minha família, minha mãe Madalena, meu pai, João Francisco, pela paciência e compreensão quando eu não queria falar porque estava estudando, agradeço pelo carinho, que mesmo com a distância vocês tentam facilitar minha vida. Minha irmã, Gabriela, pelo carinho e atenção de sempre. Eu amo muito vocês.

A todos vocês, muito obrigada, esse trabalho não é só meu, é de todos nós.

*Por que eu escrevo?
Por que eu tenho que
Porque minha voz
em todas suas dialéticas
foi silenciada por muito tempo.*

Jacob Sam-La Rose

RESUMO

A presente pesquisa problematiza quais os sentidos sobre a identidade da mulher negra que foram mobilizados pela rede social Twitter e Facebook a partir da Miss Brasil 2017, Monalysa Alcântara. Para isso, foram analisados comentários feitos por internautas, nessas redes sociais, enquanto a Miss Brasil 2017 estava sendo coroada. Essa investigação foi feita por meio de uma análise cultural-midiática, proposta por Williams (2003), aliada à análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2002), uma técnica metodológica que se aplica em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for à natureza do seu suporte. Este estudo foi amparado principalmente nos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Culturais e gênero, com base em Williams (2011), Woodward (2000), Escosteguy (2007), Gomes (2003), Coutinho (2010) e Quadrado (2016). Como principal resultado observamos os sentidos de desprezo pelo corpo negro, de inferiorização, além de que o estereótipo do corpo/beleza da mulher negra está acima da identidade feminina. Concluimos, então, que para além do preconceito com a estética negra existe uma repugnância em ver mulheres negras ocupando espaços de poder até então ocupados majoritariamente por mulheres brancas.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Identidade; representação; Mulher Negra; Concurso de beleza.

ABSTRACT

The present research problematizes the sense about the identity of the black woman who were mobilized by the social network Twitter and Facebook through the Miss Brazil 2017, Monalysa Alcântara. For that, we analyzed comments made by Internet users in these social networks, while Miss Brasil 2017 was being crowned. This research was carried out through a cultural-mediatic analysis allied to content analysis, proposed by Laurence Bardin (2002), a methodological technique that applies in diverse discourses and to all forms of communication, whatever the nature of its Support. This study was based mainly on the theoretical-methodological assumptions of Cultural Studies and gender, based on Williams (2011), Woodward (2000), Escosteguy (2007), Gomes (2003), Coutinho (2010) and Quadrado (2016). As the main result we observe the senses of contempt for the black body, of inferiorization, and the stereotype of the body / beauty of the black woman is above the feminine identity. We conclude, then, that beyond prejudice with the black aesthetic there is a repugnance to see black women occupying spaces of power hitherto occupied mostly by white women.

Keywords: Cultural Studies, Identity; representation, Black Woman; beauty contest.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Marielle Franco..... | 34 |
| Figura 2: Viola Davis no Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante..... | 39 |
| Figura 3: O Brasil das telas de cinema é um país branco | 41 |
| Figura 4: Dia dos Pais, O Boticário. | 42 |
| Figura 5: Elenco da novela O Outro lado do Paraíso no casamento da personagem Raquel..... | 44 |
| Figura 6: Elenco oficial telenovela Segundo Sol | 44 |
| Figura 7: Família Mister Brau | 45 |
| Figura 8: Renda Média da População Brasileira | 48 |
| Figura 9: Ana Flavia Santos | 49 |
| Figura 10: Deise Nunes Miss Brasil 1986 | 50 |
| Figura 11: Deise Nunes (a direita) no Miss Universo 1986 | 51 |
| Figura 12: Raissa Santana no Miss Brasil Be Emotion 2016 | 52 |
| Figura 13: Candidatas negras do Miss Be Emotion 2016 | 53 |
| Figura 14: Raissa Santana no Miss Universo..... | 54 |
| Figura 15: Monalysa Alcântara no Miss Brasil Be Emotion 2017 | 55 |
| Figura 16: Monalysa no Miss Universo 2017..... | 56 |
| Figura 17: Monalysa no programa do Fábio Porchat | 62 |
| Figura 18: Miss Brasil 2017 no programa Encontro com Fátima Bernardes | 62 |
| Figura 19: Mulher negra virá Miss | 67 |
| Figura 20: Melhor comentário..... | 68 |
| Figura 21: O sonho se tornou realidade | 69 |
| Figura 22: Lais Ribeiro | 69 |
| Figura 23: Ordem do Advogados do Brasil..... | 70 |
| Figura 24: Comentário 1: publicado em 21 de agosto de 2017 | 79 |
| Figura 25: Comentário 2: publicado em 20 de agosto de 2017 | 79 |
| Figura 26: Comentário 3: publicado em 21 de agosto de 2017 | 80 |
| Figura 27: Comentário 4: publicado em 20 de agosto de 2017 | 82 |
| Figura 28: Comentário 5: publicado em s/data..... | 82 |
| Figura 29: Comentário 6: publicado em s/data..... | 83 |
| Figura 30: Comentário 7: publicado em 20 de agosto de 2017..... | 84 |
| Figura 31: Comentário 8: publicado em s/data..... | 84 |

| | |
|--|----|
| Figura 32: Comentário 9: publicado em s/data..... | 86 |
| Figura 33: Comentário 10: publicado em s/data..... | 86 |
| Figura 34: Comentário 11: publicado em s/data..... | 87 |
| Figura 35: Comentário 12: publicado em s/data..... | 88 |
| Figura 36: Comentário 13: publicado em 21 de agosto de 2017 | 90 |
| Figura 37: Comentário 14: publicado em s/Data | 91 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Listagem de comentários | 72 |
| Tabela 2: Tabela temática | 75 |
| Tabela 3: Tabela temática para análise | 76 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| PREPARAÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 11 |
| 1. COQUETEL DE APRESENTAÇÃO: ESTUDOS CULTURAIS, IDENTIDADE E GÊNERO..... | 20 |
| 1.1 A contribuição teórica dos estudos culturais | 20 |
| 1.2 Cultura e identidade pelo viés dos Estudos Culturais | 23 |
| 1.3 Mulheres negras: construção e relações de gênero | 27 |
| 2. BELEZA COM PRÓPOSITO: CONTEXTOS E REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NA MÍDIA..... | 32 |
| 2.1 Ser mulher: contexto e realidade das mulheres negras no Brasil | 33 |
| 2.2 Representações midiáticas da mulher negra | 37 |
| 2.3 Concursos de beleza: um espaço de estereotipização | 46 |
| 3. CONFINAMENTO: PERCURSO METODOLÓGICO | 57 |
| 3.1 Análise cultural pelo viés dos Estudos Culturais..... | 57 |
| 3.2 Análise Cultural-midiática: uma proposta para análise de sentidos sobre a identidade da mulher negra | 59 |
| 3.3 Corpus de pesquisa | 63 |
| 4. O GRAND FINALE: SENTIDOS SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA A PARTIR DE MONALYSA ALCÂNTARA | 71 |
| 4.1 Miss Brasil 2017 nas redes sociais | 71 |
| 4.2 Análise dos comentários sobre Monalysa Alcântara..... | 78 |
| 4.2.1 Categoria 1: Identidade | 78 |
| 4.2.3 Categoria 2: Estereótipo e Políticas Públicas | 81 |
| 4.2.3 Categoria 3: Classe e “vitimismo” | 83 |
| 4.2.4 Categoria 4: “Racismo reverso” | 85 |
| 4.2.5 Categoria 5: Estética negra..... | 88 |
| 4.2.6 Categoria 6: Representação..... | 89 |
| 4.2.7 Categoria 7: Discurso de ódio e violência | 91 |
| 4.3 Sentidos sobre a identidade da mulher negra..... | 92 |
| COROAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 94 |
| REFERÊNCIAS..... | 96 |

PREPARAÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Acima de um passado que está enraizado na dor

Eu me levanto

Eu sou um oceano negro, vasto e irrequieto

Indo e vindo contra as marés, eu me levanto

Deixando para trás noites de terror e medo

Eu me levanto

Em uma madrugada que é maravilhosamente clara

Eu me levanto

Trazendo os dons que meus ancestrais deram

Eu sou o sonho e as esperanças dos escravizados

Eu me levanto!

Eu me levanto!

Eu me levanto!

(Maya Angelou apud Ribeiro 2018 p. 16)

Nos concursos de beleza, a preparação diz respeito aos primeiros passos que a candidata dá em direção ao objetivo final de fazer parte da corte, ou seja, é tudo aquilo que é feito antes, todas as “preparações”, conhecer o regulamento do concurso, entender sobre ele, saber como funciona, a preparação pessoal como ensaios de passarela e oratória, busca de apoios e patrocínios, cuidados estéticos, entre outros. E na pesquisa isso não é diferente. Antes de iniciá-la, precisamos conhecer o espaço do qual estamos falando, compreender o contexto, realizar questionamentos, definir objetivos a serem alcançados para assim termos o resultado desejado.

Para dar conta desta tarefa, iniciamos com informações para entender o contexto do qual falamos. Documentadamente a mulher negra vem sendo invisibilizada pela sociedade, criticada, estigmatizada e humilhada. Sabe-se, também, que a população negra é a mais afetada pela desigualdade e pela violência no Brasil. Segundo o IBGE¹, mais da metade da população brasileira (54,9%) é de pretos ou pardos, sendo que a cada dez pessoas, três são mulheres negras. Este

¹ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>> Acesso em 20 de abril de 2018

dado, pode não parecer relevante, se não explanado onde está esta população negra, se não questionado sobre quais papéis na sociedade estão sendo ocupados pelo povo negro. A Organização das Nações Unidas (ONU) juntamente com o Ministério Público do Trabalho, alerta, que no mercado de trabalho, pretos e pardos enfrentam mais dificuldades na progressão da carreira, na igualdade salarial e são mais vulneráveis ao assédio moral. De acordo com o Atlas da Violência 2017, a população negra também corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.

Podemos afirmar, ainda, de acordo com o Atlas da Violência (2017) que, atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras, além disso, elas também possuem chances 23,5% maiores de serem assassinadas em relação a brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, sexo, estado civil e bairro de residência. Outra informação relevante é a persistência da relação entre o recorte racial e a violência no Brasil. Enquanto a mortalidade de mulheres não-negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4% entre 2005 e 2015, entre as mulheres negras o índice subiu 22%. Essa realidade precisa ser transformada.

Estes dados que alertam e chocam têm a função de nos fazer pensar sobre nossa realidade e sobre a realidade dos homens e mulheres negras em nosso país. Eu, sendo uma mulher negra², fico incomodada quando penso na minha vida e na sociedade que me rodeia, quem são e onde estão essas pessoas. Convido à reflexão: ao longo de sua educação, quantos negros estavam na mesma sala que você? Quantos foram os seus professores negros? Quantos eram diretores da sua escola? Quantos seguiram para o ensino médio e ensino superior? Quantos personagens principais na televisão são negros? Percebe como esse número nunca foi igualitário? Essa desigualdade, no entanto, não se trata de interesse da população negra em ocupar esses espaços, mas sim, da não oportunidade do povo negro em estar e permanecer nos mesmos.

A partir daí, com base neste contexto, podemos pensar, também, esta realidade nos meios de comunicação. Nas telenovelas, por exemplo, são diversos os casos de estereotipização, preconceitos e racismo. Um exemplo é a novela Babilônia, exibida em 2015 pela Rede Globo, em que a atriz Sheron Menezes

² Nesse momento peço licença para falar em primeira pessoa do singular para marcar meu lugar de fala dentro dessa pesquisa.

contracena com André Bankoff, trazendo a perspectiva de um relacionamento interracial e as diversas problemáticas enfrentadas, como a afirmação, também já ouvida por mim, de “tem que casar com branco para melhorar a cor, o cabelo, o nariz”. Essa é a triste face do racismo familiar que negros sofrem desde criança, alienado assim a tal “questão de gosto”. E homens brancos se utilizam, há muito tempo, desse fato para minimizar mulher negras, quando estão em um relacionamento interracial, vendo isso como normal.

Outro caso mais recente apresentado na TV é na novela *O Outro lado do Paraíso* (2018), que expõe dois pontos relevantes de análise, o primeiro é a personagem de Erika Januza, que ao ter um relacionamento interracial sofre diversos tipos de humilhação e preconceito, no entanto consegue se firmar como uma mulher forte e empoderada. O segundo é a reafirmação do estereótipo do homem negro em profissões predeterminadas, quando Thiago Thomé aparece como motorista.

Sabe-se que esta realidade de racismo, preconceito e discriminação é muito ampla, afetando os mais diferentes segmentos da sociedade, e não seria diferente nos concursos de beleza. O caso mais recente foi da candidata a Miss Rio Grande do Sul Be Emotion 2018, Samen dos Santos. A representante de Tramandaí foi alvo de ataques racistas no Instagram³. Neste, a população se revoltou pelo fato de uma entre 30 candidatas ser negra. Um dos comentários afirmava que ela “não representa a mulher gaúcha (que) é branca e linda, não negra”. Outro dizia: “Ela também não representa a beleza da mulher brasileira. Ela representa a África”. Um terceiro: “Falam que ela é linda só porque é negra e no Brasil (país afrocentrista) é quase uma obrigação achar que os negros são lindos sendo que a grande maioria deles são feios pra c...”. Ou seja, aos olhos da sociedade e desses indivíduos, o Rio Grande do Sul não pode ter uma representante negra, para representar a beleza do estado.

Infelizmente, este caso não é isolado. Em diversos lugares nós, mulheres negras, além de lutarmos pelo nosso espaço ainda temos que nos defender e estar todo o tempo reafirmando porque podemos estar ali, porque somos capazes de estar naquele lugar. São anos de lutas em concursos de beleza e temos uma mísera representatividade. O Concurso de beleza Miss Brasil Be Emotion, por exemplo, até

³ Uma das redes sociais mais usadas atualmente, cuja principal função é permitir ao usuário compartilhar suas fotos com seus seguidores.

o ano de 2018 teve apenas três Misses negras, Deise Nunes em 1986, Raissa Santana em 2016 e Monalysa Alcântara em 2017. Seria porque não participaram ou porque nossa sociedade é racista demais para “aceitar” uma Miss Brasil negra?

No ano de 2017, quando Monalysa Alcântara foi eleita Miss Brasil Be Emotion 2017 e, pelo segundo ano consecutivo, uma mulher negra foi declarada a mais bela do país, foram diversos os discursos racistas, preconceituosos e de ódios proferidos nos mais variados meios. Foi esse fato que me levou à temática dessa pesquisa. Assim, tendo em vista o amplo contexto abordado anteriormente, a falta de representação e representatividade da mulher negra, os discursos machistas, preconceituosos e sexistas sobre elas, propõe-se a seguinte questão: **“quais os sentidos sobre a identidade da mulher negra são mobilizados pelas redes sociais Twitter e Facebook a partir da representação de Monalysa Alcântara?”**.

Como objetivo geral pretendemos analisar os modos como são produzidos os sentidos sobre a identidade mulher negra a partir da Miss Brasil 2017 Monalysa Alcântara. Para tal, temos como objetivos específicos:

- a) Mapear os elementos do contexto histórico e social que contribuem para a configuração da identidade da mulher negra;
- b) Refletir sobre a problemática do racismo, especialmente inserido no contexto de concursos de beleza;
- c) Contextualizar a participação de mulheres negras em concursos de beleza, em especial no Miss Brasil 2017;
- d) Interpretar os discursos utilizados na construção dos comentários sobre a Miss Brasil 2017;

Esta pesquisa justifica-se, inicialmente, pela importância da abordagem e problematização da temática não apenas na profissão de Relações Públicas, mas em um contexto muito mais amplo da sociedade. Como comunicadores é de extrema importância que consigamos ter uma visão ampla do contexto em que vivemos, principalmente porque somos nós que levamos esta comunicação e discussões para a casa das pessoas. Precisamos falar sobre o racismo e discutir sobre o que acontece na nossa frente e não percebemos.

Através de nossa atuação, como estudantes, profissionais ou pesquisadores, temos a capacidade de suggestionar assuntos, comportamentos, modos de pensar e, junto disso, devemos ter a responsabilidade de lutar por igualdade, justiça, diminuição de preconceitos e de discursos de ódio. Precisamos lutar pela diminuição

das desigualdades e pelo amplo acesso aos espaços de cultura, educação e entretenimento. Precisamos combater o racismo, machismo, a violência e o sexismo. Precisamos falar de nós.

É esta necessidade de falar de nós que justifica especificamente a abordagem dada nesse trabalho. Eu, enquanto mulher negra, estou em constante questionamento sobre os espaços, lugares, representações e sentidos atribuídos a mim. Qual é o meu papel enquanto mulher negra?

Meu lugar de fala:

O tema deste trabalho começou a ser pensado em 2015, quando iniciei meu autorreconhecimento enquanto mulher negra, filha de mãe descendente indígena e pai negro. Sempre tive consciência de minha “diferença” perante a sociedade. Da “diferença” que tinha nas séries iniciais quando um coleguinha me chamava de “neguinha, pretinha, cabelo de bombрил” e minha professora pedia para eu esquecer, que o colega que era “bobo”, sendo que tudo que eu queria era uma resolução do problema e entender por que eu era tratada daquela forma.

Sempre soube que por algum motivo, eu não poderia representar a princesa da história, que nunca iria me ver lá e sempre tive o entendimento que, pelos olhares de estranhamento, eu não deveria estar ali. Sempre soube que para ser respeitada precisava ser “famosa” na cidade, precisava conquistar um espaço naquela “elite”. Concretamente, nossa sociedade foi estruturada a partir da definição de lugares sociais para mulheres e para a população negra que não passam pelos espaços de poder e cidadania plena⁴.

E foi a partir daí que me senti incentivada a buscar um espaço e um lugar de fala que me permitisse olhar a sociedade de outro viés e, através de meu trabalho, alterar a realidade do racismo e do preconceito. Encontrei este espaço nos concursos de beleza e na busca por uma faixa. O primeiro foi a baliza da banda da escola, eu me sentia capaz, mas mesmo assim tinha melhores. No outro ano concorri de novo, e dessa vez foi por pouco, quase segurei minha alforria nas mãos.

Em 2010 concorri para Mais Bela Estudante de Jóia. E ganhei! Segui o concurso para fase Regional e Estadual. Venci novamente. No entanto, alguns acontecimentos me levaram a, mais uma vez, questionar minha capacidade de estar lá. Na fase Regional concorri com a Mais Bela Estudante do município que sediava o

⁴ Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>> Acesso em 26 de novembro de 2017.

evento, e recebi a coroação, tendo a representante daquela localidade classificada como 1ª princesa. Para a fase Estadual iriam representantes de todos os municípios do estado, incluindo a 1ª princesa do Regional – que foi eleita a Mais Bela Estudante do Estado, seguida de mais duas meninas brancas na corte. Eu não esperava o prêmio, nem a faixa dessa vez, porque a concorrência era grande, e nós mulheres negras somos ensinadas a recuar quando percebemos que não vamos ter vez. No entanto, quando a premiação foi dada para a concorrente que foi vencida por mim, em outra fase, na fase anterior do concurso comecei a questionar se (seria mesmo que) eu ganharia a faixa de Mais Bela Estudante Regional porque eu merecia, ou me deixaram ganhar, para eleger uma mulher negra e para que na final estadual a representante daquela cidade pudesse ganhar?

Em 2014 fui Soberana da cidade de Jóia. Neste concurso eu entrei com mais garra ainda, pois queria muito esse título. Já estava ingressando no curso de Relações Públicas, tinha uma noção de eventos e do poder de uma boa comunicação, queria, assim, contribuir com minha cidade, compartilhar meu conhecimento e provar para mim mesma que era capaz. O concurso foi feito por etapas, sessão de fotos (avaliação), a foto mais curtida (avaliação) e o dia do evento. Na etapa foto mais curtida, eu estava liderando, ocasião em que eu avisaram que seriam quatro Soberanas e não mais uma Soberana e Princesas. O argumento para essa mudança, era de que tinha muitas meninas bonitas e não queriam escolher apenas três. Sei que para muitos não faz diferença o que está escrito em uma faixa, mas para mim, sim. No final do concurso fiquei sabendo minha nota, eu estava liderando, fiquei muito feliz, no entanto, gostaria que mais pessoas soubessem, e que essa alta pontuação fosse conhecida, publicizada não apenas por mim.

São momentos como estes que me fazem refletir nos meus próprios atos. Eu queria a faixa, consegui. Eu queria o primeiro o lugar, eu consegui. Porém ainda estava um vazio dentro de mim. Faltava eu me reconhecer, compreender o que tanto eu buscava naquelas faixas e naqueles concursos. Eu queria ter sido mais. Eu queria ter seguido para poder comprovar que eu sou capaz. Eu queria provar que uma mulher negra pode ser sim a mulher a mais bonita da cidade, da região, do país, do mundo.

Minha busca não terminou por aí, em fevereiro de 2018, participei de outro concurso⁵, com um carácter mais sério. Quando recebi o convite para participar metade de mim, estava disposta a competir, a outra estava buscando indícios e confirmações de que eu não me machucaria. Aceitei o convite, com o embasamento de que esse concurso de nível Estadual era um dos mais sérios e justos.

Tive 15 dias para me preparar, passei por tratamentos estéticos, ensaios de passarela, de postura, tudo o que fosse possível para ocupar com dignidade o meu espaço no desfile. Os comentários na *fanpage* do evento estavam favoráveis a mim, no entanto nos dias do evento os jurados interpretaram que das três meninas negras que participaram, nenhuma era capaz de estar na corte, escolhendo assim outras quatro meninas brancas e loiras para serem coroadas. Não se trata de uma crítica aos jurados, se trata de uma crítica de que, para ser ou fazer parte de uma corte, deve-se seguir o padrão estético e cultural de padrão de beleza, levando em conta a classe social e econômica.

Agora, me reconhecendo enquanto mulher negra, me reconhecendo enquanto mulher de luta, eu quero escrever sobre mim, sobre nós. Eu quero dividir minhas angústias, meus medos minhas percepções. Quero entrar em um shopping de classe média alta, com a cabeça erguida e rebater os olhares maldosos que me observam pelas costas, quero ver não apenas o meu povo negro servindo os demais, quero ver o meu povo negro ali dentro, ocupando e usufruindo de um espaço que é nosso por direito. Quero ver o Miss Mundo ser representado por uma mulher negra brasileira.

Meu foco nesse trabalho como comunicadora não é apenas relatar minha vida pessoal, meus questionamentos pessoais sobre os concursos de beleza, mas sim meu papel social e profissional como mulher negra, formada em Relações Públicas por uma universidade pública. É questionar os lugares de fala, abrir espaço para novas reflexões e análises que a partir deste possa existir. Combater o racismo, refletir porquê mulheres negras ocupam um lugar de maior vulnerabilidade social, valorizar as mulheres negras, buscar visibilidade, trazer uma reflexão política sobre os espaços que sociedade reserva, questionar as bases desse discurso preconceituoso. Como comunicadores precisamos interpelar a sociedade sobre quem está incluído e quem está excluído na representatividade midiática.

⁵ Musa do Sol- Realizado em Candelária dia 03 e 04 de fevereiro de 2018

Junto a isso, contribuiu, também, para o desenvolvimento desse trabalho o estado da arte⁶ realizado, a partir do qual percebemos que não encontramos trabalhos acadêmicos tratando da identidade da mulher negra em concursos, e nesse quesito a pesquisa é relevante para além de abordar questões de racismo e estereótipos, mas trataremos também do quão não temos representatividade nesses concursos de beleza.

Destes encontrados, destacamos a tese de Quadrado (2016) que trata da valorização da beleza da mulher negra em um concurso chamado Miss Mulata, que teve como vencedora, no ano de 1982, Deise Nunes⁷. A pesquisa traz diversas críticas ao termo Miss Mulata, apresenta o histórico do concurso e ainda como se deu o fim deste.

Outra pesquisa relevante é a de Dalbeto e Oliveira (2016), que trabalharam com a análise da representação da mulher negra em HQs⁸ de superaventura da editora Marvel Comics, com foco na *Tempestade*⁹, codinome da heroína Ororo Munroe, personagem negra de maior destaque nas histórias publicadas pela editora. A metodologia adotada foi pesquisa bibliográfica exploratória a partir de autores que discutem as Histórias em Quadrinhos, em relação com a cultura e a sociedade.

Oliveira e Vieira (2009) buscaram compreender como as mulheres negras utilizam o consumo como mecanismo de reprodução cultural ao substanciar de significados os bens consumidos para a construção de suas identidades. Metodologicamente, realizaram uma pesquisa de campo durante o primeiro semestre de 2009 em que foram entrevistadas onze mulheres negras residentes em uma cidade da região Sul do Brasil.

Bittencourt e Nunes (2017) avaliaram até que ponto pertencer a grupos étnicos/raciais diferentes das mulheres brancas pode predispor à insatisfação com a imagem corporal e ao risco para desenvolver transtornos alimentares. A metodologia

⁶ Para a realização do estado da arte foram consultados primeiramente a palavra mulher negra no Google, a partir dessa busca, fomos direcionados para alguns sites de revistas e de eventos, além dessa busca também mencionamos estas descrições no site da *CAPES*, *INTERCOM*, *COMPÓS*.

⁷ Foi a quarta representante do Rio Grande do Sul a ser coroada Miss Brasil e a primeira negra a vencer o concurso. Atualmente, comanda o programa de televisão *Terceiro Setor*, exibido em um dos canais da NET gaúcha, além de ser empresária na área de moda, ministrando cursos de modelo e manequim.

⁸ História sequencial narrada em etapas/quadros. Em sua forma básica é uma mistura entre palavras e imagens, com elementos tipicamente da linguagem como, por exemplo, onomatopeias e os balões de fala e pensamentos.

⁹ É uma personagem fictícia de história em quadrinhos do Universo Marvel Comics, alter-ego de Ororo Munroe, e membro dos X-Men.

usada foi uma pesquisa com estudantes de 15 a 30 anos, de instituições de ensino médio e universitário, público e privado. Realizada em duas etapas: a quantitativa, utilizando informações sociodemográficas e de vivência do racismo, para avaliação de insatisfação com a imagem corporal; e a qualitativa, com grupos focais e história de vida.

Por fim, Gomes e Miranda (2014) apontaram a articulação gênero, raça e educação, a fim de contribuir com a produção educacional com enfoque feminista e antirracista. O objeto de pesquisa foi o Programa de TV Brazil's Next Top Model. A análise desdobrou-se sobre a composição da branquitude como efeito discursivo que incide sobre o corpo negro e analisou-se a trajetória de uma mulher negra no programa, para entender as ficções em ação na fabricação do corpo-modelo.

Sentimos uma grande dificuldade em construir um estado da arte que abrangesse a pesquisa em questão, então pesquisamos como referências, pesquisas que de alguma forma pontuasse as pautas da negritude, discorresse sobre a mulher negra, identidade, cultura ou Estudo Culturais.

Buscando uma melhor forma de abranger o tema proposto, dividimos esta pesquisa em quatro capítulos. O primeiro abordará os conceitos de cultura, identidade e gênero, bem como o contexto histórico da criação do movimento dos Estudos Culturais. O segundo tratará da realidade da mulher negra no Brasil, as violências sofridas, a não representatividade, o estereótipo do corpo e discussões sobre concursos de beleza. O terceiro discorrerá acerca da metodologia utilizada, explicando a análise cultural, apresentando o corpus da pesquisa e análise de conteúdo. Já no último versaremos sobre tudo o que expusemos no decorrer do trabalho e junto a isso, faremos as análises necessárias. Por fim apresentaremos nossos resultados e considerações finais.

1. COQUETEL DE APRESENTAÇÃO: ESTUDOS CULTURAIS, IDENTIDADE E GÊNERO

“Não existe uma ‘identidade negra’ originária, construída naturalmente a partir da cor da pele (raça) ou da mentalidade (etnia). Tal identidade aparece na história a partir da discriminação cultural operada por indivíduos e grupos de cor clara. Estes, por sua vez, só se reconhecem como ‘identidade branca’ ou ‘eurocidental’ no contexto relacional com os ditos não-brancos ou não-ocidentais.”

(SODRÉ, 1999, p.255)

Nos concursos de beleza, o coquetel de apresentação é um dos momentos mais importantes, é a fase em que as candidatas têm o primeiro contato com os jurados, conhecem quem são, quando se sente a energia do ambiente de concurso, momento também que se tem a oportunidade de mostrar quem você é e o que busca. E na pesquisa esse será o momento de apresentar os conceitos e as bases teóricas que vão embasar o trabalho.

Por isso, neste capítulo abordamos os principais pontos que serão desenvolvidos ao decorrer desse estudo, apresentando conceitos, trazendo o contexto histórico e posicionamento dos Estudos Culturais, o viés da cultura e da Identidade. Por fim, trazemos, também, o conceito de gênero buscando afunilar para nosso principal objeto que é a mulher negra. Nesse último ponto entende-se que é de extrema importância o contexto da mulher negra, o conceito do feminismo negro, as diferenças do feminismo negro para o feminino que mulheres brancas defendiam. Sabe-se do quanto é necessário à história para que todo e qualquer argumento utilizado nesta pesquisa, faça sentido para a comunidade.

1.1 A contribuição teórica dos estudos culturais

Em meio a uma crise política e econômica no pós 2º Guerra Mundial, tomava força um movimento político, social e intelectual que visava desconstruir a concepção de cultura que se tinha até aquele momento. Começavam a permear nos meios de comunicação assuntos como cultura, arte e democracia. Dava-se início a chamada Indústria Cultural, ligada ao capitalismo, ou seja, que tinha como objetivo principal o lucro. Esse movimento teórico-político conhecido como Estudos Culturais

é um movimento que tem como campo de pesquisa e de interesse a cultura, tendo seu início em 1964.

Os Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob ponto de vista político, quando se busca pela constituição de um projeto político, quanto teórico, quando se tem a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob a perspectiva política, é identificado pelos movimentos sociais da época do seu surgimento enquanto uma política cultural. Já sobre o aspecto teórico, se dá no descontentamento com a limitação de algumas disciplinas, vindo com a proposta de interdisciplinaridade.

A área, então, segundo um dos seus promotores não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea. (ESCOSTEGUY, 1998, p.137)

Cabe destacar, no entanto, que o campo deu seus primeiros passos ainda nos anos 1950, quando três pesquisadores passaram a dedicar seus estudos na missão de derrubar as noções aristocráticas que permeavam o âmbito cultural e a sociedade britânica da época. Eles tencionavam que a investigação das formações sociais e culturais fosse realizada de maneira mais inclusiva, destacando todas as variáveis de contextos culturais existentes no corpo social. Um dos pesquisadores foi Richard Hoggart (1957), com sua obra *The Uses of Literacy*, outro pesquisador foi Raymond Williams (1958), a partir de *Culture and society* e E. P. Thompson (1963) com *The making of the english working-class*.

O primeiro é, em parte, autobiográfico e, em parte, história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a “cultura comum ou ordinária” pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com qualquer outro. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa. (ESCOSTEGUY, 1998, p. 139)

Este movimento teórico-político desponta através do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), perante a alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Richard Hoggart, motivado na sua pesquisa, cria o CCCS que estava ligado ao *English Department* da Universidade de Birmingham. Segundo Escosteguy (1998), o eixo de principal de pesquisa do centro era as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como, suas relações com a sociedade e mudanças sociais.

Neste recorte, a pesquisa de Hoggart tem grande relevância, pois no período pós 1968, os Estudos Culturais transformaram-se numa força de grande importância da cultura intelectual, de esquerda. Sendo assim teve-se impacto além das universidades, constituíram-se em uma questão de militância e em um compromisso com mudanças sociais radicais. Preocupavam-se, no primeiro momento, com os produtos da cultura popular e dos *mass media*, que expressavam os rumos da cultura da época. Buscava, também, redescobrir outras tradições teóricas sociológicas, deixando de lado o funcionalismo estrutural norte-americano, pois este, não dava conta de compreender todas temáticas propostas. Uma forte influência na formação dos Estudos culturais foi o trabalho qualitativo.

A colaboração de Williams para os Estudos Culturais a partir de *Culture and society*, também foi imprescindível. Foi por meio de um olhar diferenciado sobre a história literária que o estudioso mostrou que a cultura é uma categoria chave, que conecta tanto a análise literária quanto a investigação social. Seu livro *The long revolution* (1962) avançou na demonstração da intensidade do debate contemporâneo sobre o impacto cultural dos meios massivos, revelando pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios media. (ESCOSTEGUY, 1998).

Junto a eles está Thompson (1963), que influencia o desenvolvimento da história social britânica, de dentro da tradição marxista. Para ele, assim como para Williams, cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson (1963) resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. No seu lugar, preferia entendê-la enquanto uma luta entre modos de vida diferentes (ESCOSTEGUY, 1998).

Além destes, Munakata (2011), explica que Stuart Hall, também tem uma significativa participação no desenvolvimento dos Estudos Culturais, principalmente ao substituir Hoggart na direção do Centro no período de 1969 a 1979. Ademais, incentivou o desenvolvimento de estudos etnográficos, análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de subculturas. Nessa mesma época, dos anos 1970, os estudiosos se interessaram sobre a recepção dos produtos midiáticos. Esse tema surgiu com a escrita do artigo publicado por Stuart Hall (1973) chamado *Encoding/Decoding* no ano de 1973. Nele, o autor descreve o processo de comunicação da televisão em quatro momentos distintos: produção; circulação; distribuição e consumo; e reprodução. E ainda ressalta o papel da mídia

como sendo produtor e reproduzidor da cultura, enquanto que a audiência é vista como receptor e fonte das mensagens.

À vista disso, esse grupo de pensadores, aflitos com a situação das classes populares e refutando o sistema capitalista e a dominação cultural, aproximou-se do marxismo. Contudo, essa conexão se desenvolve através da crítica cultural em relação ao reducionismo e economicismo marxista. Dessa forma, ao contrapor o materialismo econômico de Marx, Williams (1992) influencia de modo significativo o projeto dos Estudos Culturais ao cunhar o termo materialismo cultural (STEFFEN; HENRIQUES; LISBOA FILHO, 2018). Para o autor, as práticas culturais devem ser entendidas como práticas reais, elementos de um processo social material, com intenções e condições específicas. Ou seja, através de uma revolução do marxismo clássico, os Estudos Culturais passam a defender que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais. Isso significa que não pode ser explicada e determinada apenas por uma dimensão econômica, já que a sociedade é complexa e formada por diversos fatores diferentes.

Dentro desse viés, seguido da investigação das temáticas de culturas populares, os Estudos Culturais também abrem espaço para o estudo dos meios de comunicação, de identidades, de gênero, feminismo e raça. Foi através dos estudos do feminismo, que foi possível perceber novos questionamentos referentes ao conceito de identidade, pois introduziu novas variáveis na sua constituição, deixando-se de ver os processos de construção da identidade unicamente através da cultura de classe e sua transmissão geracional (ESCOSTEGUY, 2010). No próximo tópico, será discutido a contribuição dos Estudos Culturais na compreensão de questões referentes à identidade e cultura.

1.2 Cultura e identidade pelo viés dos Estudos Culturais

Percebe-se então que os Estudos Culturais são um importante movimento para pensarmos as questões de cultura e identidade. Faz-se relevante por dar vazão aos estudos e conceitos que não eram discutidos e nem mesmo pensados na sociedade até então. Nesse sentido, os EC nos amparam nessa pesquisa ao defender cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais, e essas,

por sua vez, são formas comuns de atividade humana. Refletindo sobre o conceito de cultura, podemos dizer que Raymond Williams (1992) compreende cultura, como um movimento autossuficiente, mesmo assim, é um território composto de alteridades e demandas sociais, entendendo desta forma, que a população está inserida em uma sociedade que é multifacetada e constituída por diversos elementos.

O pesquisador defende a ideia de que a dominação em uma sociedade não se dá apenas a partir da propriedade e do poder. A cultura do vivido também exerce influência na nossa forma de pensar e sentir através de suas pressões e limites que promovem a (re)produção de uma ordem social profundamente arraigada. (STEFFEN; HENRIQUES; LISBOA FILHO, 2018. p.4). Sendo assim, a cultura deve ser estudada não apenas como um produto, mas como produção material, visto que é nesse momento em que os grupos minoritários conseguem ser ativos na sociedade, sendo responsáveis por suas lutas sociais, reforçando de que cultura não é determinada por uma base econômica.

Para Williams (2003) e Thompson (1988) cultura é uma rede de práticas e relações que constituem a vida cotidiana dentro da qual, o papel do indivíduo está em primeiro plano. Thompson (1988) compreendia, ainda, como uma luta entre modos de vida diferentes. Com a extensão do significado de cultura - de textos e representações para práticas vividas -, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas. (ESCOSTEGUY, 2010 p. 143).

A operacionalização de um conceito expandido de cultura, isto é, que inclui as formas nas quais os rituais da vida cotidiana, instituições e práticas, ao lado das artes, como constitutivos de uma formação cultural, rompeu com um passado em que se identificava cultura apenas com artefatos. No momento, em que os Estudos Culturais prestam atenção a formas de expressão culturais não-tradicionais, se descentra a legitimidade cultural. Em consequência, a cultura popular alcança legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção.

Williams (2003) descreve três níveis de culturas, são elas: Cultura vivida, Cultura registrada e cultura da tradição seletiva; A primeira seria o hoje, vivida pelo sujeito; a segunda, são materiais físicos como obras de arte, documentos, vídeos,

produtos assim; a terceira e última seria o que ficou do passado, utilizada pelo indivíduo no presente, como costumes passando de geração para geração. Esta última é determinada por diversos interesses, como os de classe e gênero por exemplo.

O pesquisador também conceitua a cultura de um determinado momento como “estrutura de sentimento” que seria “o resultado de todos os elementos reunidos de uma organização geral”. Antigas gerações podem repassar o “padrão de cultura” para as novas, mas a “estrutura de sentimento” será diferente, pois esta nova geração lidará com esses dados de uma maneira própria (WILLIAMS, 2003). Esta maneira própria está ligada com a posição desse indivíduo na sociedade, além da classe à qual ele pertence, e também o contexto político e econômico da época em que se fala.

Para Cucho (2002), a cultura é como uma segunda natureza, aquilo que herdamos. Neste sentido, que cultura remete necessariamente ao grupo original de vinculação do indivíduo, a origem as raízes segundo a imagem comum, seriam o fundamento de toda identidade cultural, isto é, aquilo que definiria o indivíduo de maneira autêntica.

O indivíduo, devido a sua hereditariedade biológica, nasce com os elementos constitutivos da identidade étnica e cultural, entre os quais os caracteres fenotípicos e as qualidades psicológicas que dependem da “mentalidade”, do “gênio” próprio do povo ao qual ele pertence a identidade repousa então em um sentimento de “fazer parte” de certa forma inato. (CUCHE, 2002, p.178)

Já por identidade, a compreendemos, então, como algo que pertence ao um grupo de pessoas, que os caracteriza. É um sentido de pertencimento próprio. Para Cucho (2002), todo grupo de pessoas é dotado de uma identidade, que tem relação com sua definição social, que permite situá-lo no conjunto da sociedade. O autor entende que identidade é também uma inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros, sob o mesmo ponto de vista).

Hall (2006) afirma que as identidades não são uma “característica” com a qual nascemos, mas sim formadas e transformadas no interior da representação. Por exemplo, nos identificamos como brasileiros, pela maneira que a “brasilidade” foi

representada. Reitera ainda que a população não é apenas membro de uma nação, estas pessoas dividem a ideia daquela nação, gerando assim um sentimento de identidade e respeito.

...a recém moda da identidade é o prolongamento do fenômeno da exaltação da diferença que surgiu nos anos setenta e que levou tendências ideológicas muito diversas e até opostas a fazer a apologia da sociedade multicultural, por um lado, ou por outro lado, a exaltação da ideia de "cada um por si para manter sua identidade". (CUCHE, 2002, p.175-176)

Diante deste enquadramento, destaca-se que a magnitude da herança cultural negra, a representatividade do povo negro, e a questão do recorte de gênero, são abordagens fundamentais que devem ser debatidas na sociedade, visto que o preconceito e racismo está enraizado estruturalmente na população, ganhando força através de culturas e identidades.

Em relação ao aspecto de gênero, Escosteguy (2010) afirma que ainda nos anos 1970, o estudo em torno das diferenças de gênero através do feminismo, e os desenvolvimentos em torno da ideia de "resistência", também marcam o período. Entende-se que a maior inquietação desse coletivo era ver como a categoria "gênero" estrutura e é ela própria estruturada nas formações sociais, e foi importante para demarcar um novo campo de estudo e análise que antes não era visto. Estas discussões iniciaram como forma de distinguir o masculino do feminino, mas ainda não debatem as questões de igualdade de gênero. Ainda nesta década, o conceito passa a ser entendido como resultado de construções sociais e culturais.

Essa diferenciação era um modo de enfrentar o determinismo biológico, segundo o qual as características consideradas femininas eram derivadas naturalmente do seu sexo. Essa perspectiva é possível de ser visualizada no caso da identidade gaúcha tradicionalista, a partir da criação da figura do peão e da prenda, por exemplo, em que os homens deveria ter determinado comportamento. Associado à valentia, coragem e independência, enquanto a mulher deveria ser delicada, pura, boa mãe e dona de casa. (HENRIQUES, 2016. p.31)

Assim como na cultura gaúcha, podemos perceber que esse tipo de comportamento sexista ainda existe – e não apenas neste meio. Não podemos deixar de pontuar que na atual situação política em que estamos vivendo, nesse ano de eleição, esse perfil sexista está muito presente. O conceito de Igualdade, de gênero está sendo totalmente distorcido e as pessoas sendo manipuladas. E é por esse motivo que é extremamente necessário que além de estudarmos e pesquisarmos possamos também dialogar e trocar conhecimentos entre os variados

grupos da sociedade. É esse nosso ideal enquanto pesquisadores, contribuir com o pensamento crítico da comunidade.

1.3 Mulheres negras: construção e relações de gênero

A fim de pensarmos questões de gênero e em como se dá esta construção, também é importante pontuarmos sobre as diferenciações do feminismo para o feminismo negro, elencando questões de raça, classe e identidade destas mulheres. Compreendemos que “mulher” não é uma categoria única e, portanto, devemos questionar sempre, quando falamos em mulher, de que mulher estamos falando. Existem especificidades e não podemos invisibilizá-las.

Para Simone Beauvoir (1949) a relação que os homens mantêm com a mulher é de que a mesma deve ser submissa, e ele é o dominador, o mesmo vê a mulher como um objeto. A filósofa traz a reflexão de gênero no sentido de que a mulher não é vista a partir dela mesma, mas é vista através do olhar do homem. Assim ela cria a categoria do “Outro”. Ribeiro (2017) explica esta teoria de maneira simples, que seria pensar na mulher como algo que possui uma função. A autora usa o exemplo de uma cadeira que a função é sentar, mas deixa claro que o ser humano não deve ser pensado dessa forma, mas este é o olhar masculino que coloca a mulher nesta situação de “objeto”.

[...] a mulher foi constituída como o Outro, pois é vista como um objeto, na interpretação que Beauvoir faz do conceito do “em si” sartreano. De forma simples, seria pensar na mulher como algo que possui função. Uma cadeira, por exemplo, serve para que a gente possa sentar, uma caneta, para que possamos escrever. Seres humanos não deveriam ser pensados da mesma forma, pois isso seria destituir-lhes de humanidade. Mas esse olhar masculino, segundo a pensadora, coloca a mulher nesse lugar, impedindo-a de ser “para si”, sujeito em linguagem ontológica sartreana. E isso também se dá porque o mundo não é apresentado para as mulheres como todas as possibilidades, sua situação lhe impõe esse lugar de Outro. Se, para Simone Beauvoir, a mulher é o Outro por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba, a mulher negra é o Outro do Outro, posição que coloca num lugar de mais difícil reciprocidade. (RIBEIRO, 2017. p.37-38)

Seguindo nesta linha do pensamento, Kilomba (2012 *apud* Ribeiro, 2017), explica que se a mulher é o outro do homem, por não ter reciprocidade do olhar do homem, a mulher negra é o outro do outro. Levanta-se a questão de que as mulheres negras estão em diversos discursos em que deturpam a nossa realidade.

No debate sobre racismo, o sujeito é o homem negro, nos discursos sobre gênero o sujeito é a mulher branca, no discurso de classe, “raça” não tem lugar. Ou seja, o lugar em que ocupamos é invisível, sofremos uma carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade.

Para isso, é relevante que entendamos o lugar em que a mulher negra ocupou na história, desde o período escravocrata, que era violentada de diversas maneiras. Em alguns momentos era vista como forte, como o homem negro para trabalhar na lavoura, em outro era colocada a servir os senhores brancos, porque era considerada inferior às “senhoras brancas”. Em outros momentos era tida como objeto sexual. Ou seja, nesse contexto, de violência sexual, de trabalho escravo, violência psicológica, a mulher negra se diferencia da mulher branca que não sofria com nenhum destes pontos, o que faz com que possamos pensar que as demandas e pautas das mulheres brancas e negras não eram as mesmas. Conforme Collins (1997 *apud* Ribeiro 2017. p.61-62) “[...] é a localização social comum nas relações hierárquicas de poder que cria grupos e não os resultados de decisões coletivas tomadas por indivíduos desses grupos. ”, sendo assim reafirma que o lugar de privilégio ocupado pela mulher branca, faz com se diferencie do grupo de mulheres negras marginalizadas.

Ribeiro (2018) explica que o movimento feminista teve início no século XIX no Brasil, o que foi considerado como uma primeira “aparição”. As reivindicações desta época eram referentes a direito ao voto e à vida pública. Em 1922, criaram a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, com objetivo de lutar pelo sufrágio feminino e pelo direito ao trabalho sem necessidade de autorização do marido. A segunda “aparição” teve início nos anos 1970, em um momento de crise da democracia, situação que além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual, esse movimento combateu a ditadura militar. O primeiro grupo de que se sabe, foi formado em 1972, majoritariamente por professoras universitárias. Em 1975, formou-se o Movimento Feminino pela Anistia, neste mesmo ano, surgiu o jornal Brasil Mulher, que teve circulação até 1980, editado em um primeiro momento no Paraná e depois transferido para a cidade de São Paulo.

A datar de 1960 a 1980, o feminismo negro começou a tomar força, através da Fundação da *National Black Feminist*, nos Estados Unidos, em 1973, e ainda, feministas negras passaram a escrever sobre o tema, criando uma literatura

feminista negra. No entanto, Ribeiro (2018) defende que bem antes desta década já havia mulheres negras lutando pelos seus direitos, como em 1851, Sojourner Truth, ex-escrava que se tornou oradora e fez um famoso discurso chamado de “E não sou eu uma mulher?” lido na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio. O discurso questionava sobre diversas ações tanto de “cavalheirismo” que homens faziam apenas para mulheres brancas, quanto das ações que ela, enquanto escravizada, foi submetida e, muitas vezes, superando homens na força. A partir daí ela questiona com tudo isso, se ela não é uma mulher. Ou seja, nesta época, enquanto mulheres brancas lutavam por direitos de trabalhar e de votar, mulheres negras estavam lutando para serem consideradas seres humanos.

Mulheres negras, por exemplo, possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores -materialidade! - e, sendo assim, nada mais ético do que pensar saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições. Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (RIBEIRO, 2017. p.43)

O impulso do feminismo negro no Brasil se deu no final da década de 70 e início da década 80. Trabalhando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos, o movimento se estabeleceu a partir do III Encontro Feminista Latino-Americano, ocorrido em Bertioga em 1985. A contar desta data, despontam os primeiros coletivos de mulheres negras em encontros estaduais e nacionais. Ribeiro (2018), ainda questiona, o quanto é difícil as feministas brancas aceitarem que, ao mesmo tempo em que mulheres brancas e negras têm a questão de gênero como algo comum, há a questão de raça que as diferenciam. E pontua ainda, esta diferenciação do feminismo para o feminismo negro, algo ainda bastante desconhecido, e isso tudo porque não encontramos informações e estudos que falem sobre o tema tão corriqueiramente. NUNES (2018)¹⁰, aborda essa questão sobre a luta da mulher negra comparada a da mulher branca:

Cês tão preocupados com a ditadura. Ok. A nossa batalha é anterior, é pra não morrer de parto, de fome, de falta de educação, de falta de amor

¹⁰ Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/marielle-presente-duda-buchmann/>> acesso em: 12 de novembro de 2018

próprio, de não ter trabalho, moradia e saúde. Morrer de descaso, de bala e símbolo. Pra gente nunca teve democracia. #MariellePresente

A terceira “aparição” do feminismo teve início nos Estados Unidos na década de 1990 e foi liderada por Judith Butler (1997), que principiou a discussão sobre os paradigmas já estabelecidos nos períodos anteriores, colocando em pauta a micropolítica. Neste período continuava-se a crítica do discurso universal utilizado pelo movimento, reforçando que é o mesmo era excludente, pois as mulheres sofrem opressão de maneiras diferentes, sendo necessário fazer um recorte de classe e raça. “A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto.” (RIBEIRO, 2017. p.41). A esfera “mulheres”, partindo do pressuposto político, é representada apenas pela mulher branca de classe média, visto que, por exemplo, uma das suas reivindicações era ter o direito de trabalhar sem pedir autorização do marido. Destacamos que nossa intenção aqui não é medir a luta dizendo o que era menos ou mais importante, o fato aqui é que esta nunca foi uma reivindicação das mulheres negras e pobres.

Uma característica interessante de muitas feministas negras é que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes. Feminismo negro, segundo Sebastião, seria um movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras que estão envolvidas no combate às desigualdades para promover uma mudança social de fato; não seriam mulheres preocupadas somente com as opressões que lhe atingem, mulheres negras estariam discutindo e disputando projetos. (RIBEIRO, 2017. p.49)

Neste contexto podemos perceber, então, a necessidade de unificação em torno de uma luta comum, mas uma unificação que valorize as especificidades, que valorize as diversas formas de enfrentamento e que respeite as variáveis de classe, raça... ou não teremos força para lutar contra a opressão de gênero, racismo, lesbofobia, transmisoginia, entre outras. Precisamos permanecer juntas.

O feminismo nunca apoiou as mulheres negras. Nós caímos nessa merda no início dos anos 1920, ajudando as mulheres brancas a ganharem o direito de votar... As mulheres negras ajudaram as “feministas” a ganharem

o direito de votar e elas se viraram e fizeram muita merda contra nós. Nos deixaram no escuro. Com nada. (BANKS, 2018, *apud* SILVA, 2018)¹¹

Partindo desta exposição sobre o que seja feminismo negro, podemos discorrer melhor sobre o que é ser mulher negra em uma sociedade racista. Por isso nesta etapa, é importante que eu volte a articular em primeira pessoa, pois acredito que muitas questões neste item, são relações bem fundamentais para minha construção enquanto mulher negra nesta sociedade. Não sou uma militante assídua na questão, mas procuro estar à frente de grande parte dela. Minha construção do hoje, me tornando a mulher pesquisadora que fala sobre si, e que leva o tema da negritude em todas as pautas que participa, não foi de um dia para o outro, foram anos trabalhados internamente e, principalmente, trabalhando o psicológico, e falo isso não só por mim, mas por todas as mulheres negras que passam pelo processo de reconhecimento e aceitação, que além de lidar com seu inconsciente ainda tem que lidar com a sociedade que te julga pelo estereótipo.

Neste sentido, para finalizar este capítulo, buscamos novamente Ribeiro (2018), que afirma que temos que ser fortes, porque o Estado é omissivo, e nos obriga a ser fortes, precisamos enfrentar uma realidade extremamente violenta. Que internalizar essa guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Que reconhecer nossas fragilidades, dores e saber pedir ajuda são maneiras de restituir as humanidades que nos são negadas. E o principal é que não somos nem subalternizadas, nem guerreiras naturais: somos seres humanos. Aprendemos com esta pesquisadora que reconhecer as subjetividades faz parte de um processo importante de transformação.

¹¹ Disponível em: < <https://azmina.com.br/colunas/o-silencio-sobre-o-estupro-sofrido-por-azealia-banks/> > acesso em: 12 de novembro de 2018

2. BELEZA COM PRÓPOSITO: CONTEXTOS E REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NA MÍDIA

*Foram nove tiros
 Alguns recados
 No centro
 Dentro do carro
 Ali
 Para todos verem
 Todos temerem
 No mesmo chão
 Que já morreram escravos
 Em um passado
 Ainda presente
 Em cada viela
 Cada favela
 Hoje
 Lamentamos
 Amanhã
 Levantamos
 Por Marielle
 Por todas
 Que morreram
 Lutando
 Que viveram
 Sonhando
 (Tufão)¹²*

Beleza com propósito faz parte da lógica de um concurso de beleza, em que não se define a mais bela das candidatas, apenas por suas características físicas, mas também pelo projeto social ou entidade que contribui. Neste sentido, nesta parte do trabalho que abordaremos criticamente, o papel social da mulher negra, os lugares que ela ocupa na sociedade. Por tal motivo, iniciamos essa parte da pesquisa com uma poesia, que muito nos choca, nos entristece, nos comove, nos machuca e nos mata, como um convite ao leitor a conscientizar-se do dever que carregamos nesta sociedade. Neste capítulo, o intuito é de aprofundar os questionamentos referentes à mulher negra na sociedade brasileira e os lugares por nós ocupados. Para isso foi dividido em três sessões, no primeiro momento, contextualizamos a realidade da mulher negra no Brasil, posteriormente, buscamos compreender de que forma essa mulher negra está sendo representada na mídia. Por fim, analisamos as relações entre esses elementos em relação aos concursos de beleza e a estereotipização das mulheres.

¹² Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=22056> acesso em: 11 de novembro de 2018.

2.1 Ser mulher: contexto e realidade das mulheres negras no Brasil

A mulher negra é quem mais morre no Brasil. Segundo o Atlas da Violência de 2018, a taxa de homicídio entre as mulheres negras é 5,3mil, já entre as não negras é 3,1mil, para cada 100 mil mulheres, uma diferença de 71%. Em comparativo aos dez anos em que é feita esta pesquisa, a taxa de homicídios para as mulheres negras aumentou 15,4%, enquanto que entre as não negras houve queda de 8%. Em vinte estados a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu no período compreendido entre 2006 e 2016, sendo que em doze deles o aumento foi maior que 50%. Comparando-se com a evolução das taxas de homicídio de mulheres não negras, neste caso, houve aumento destas mortes em quinze estados e em apenas seis estados o aumento foi maior que 50%. O questionamento não é sobre o fato de a mulher não negra morrer menos, mas sim, refletir sobre o fato de a mulher negra ser o maior alvo de homicídios.

As categorias de gênero e raça são fundamentais para entender a violência letal contra a mulher, que é, em última instância, resultado da produção e reprodução da iniquidade que permeia a sociedade brasileira. Desagregando-se a população feminina pela variável raça/cor, confirma-se um fenômeno já amplamente conhecido. (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 52.)

Um exemplo recente ocorreu no dia 14 de março de 2018, quando Marielle Franco (*figura 01*), mulher, negra, mãe, lésbica, moradora da favela da Maré, vereadora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, foi brutalmente assassinada com nove tiros. Mais uma mulher negra morta por uma sociedade que não aceita o empoderamento feminino, que não suporta uma mulher negra no poder e muito menos uma mulher negra que esteja denunciando o genocídio da sua população.

Figura 1: Marielle Franco



Fonte: Site CAU/RJ¹³

Carinhanha (2018), advogada, artista e doutoranda em Ciências Sociais e Jurídicas na Universidade Federal Fluminense, reforça o quão pessoas como Marielle “perturbam” a paz de alguns poderosos que não ficam satisfeitos com as denúncias feita pela vereadora.

Como uma advogada brasileira e negra, eu posso ver que o assassinato de Franco – reconhecido como crime político que ainda permanece sem solução – rompeu com o perigoso silêncio que cerceava o assunto de raças no Brasil. Essa mudança parece estar deixando alguns poderosos insatisfeitos. Em 9 de abril, Carlos Alexandre Pereira Maria, assessor do vereador carioca Marcello Siciliano (PHS), também foi assassinado. Na ocasião, Siciliano, seu chefe, havia recentemente prestado depoimento à polícia a respeito da investigação da morte de Franco. Algumas testemunhas dizem que os atiradores que mataram Pereira Maria, que também é negro, alegaram que ele deveria “calar a boca”. (CARINHANHA, 2018)

A vereadora foi uma vítima pública que pagou com sua vida o preço de ser justa e lutar por seu povo. Assim como ela outras mulheres vêm sendo assassinadas pelo simples fato de serem mulheres, mulheres negras, mulheres negras militantes, mulheres negras militantes lésbicas...

De acordo com a Central de Atendimento à Mulher de 2015, o Ministério da Saúde e a Fiocruz, a mulher negra também representa 58,68% dos casos de violência doméstica, 65,4 % da violência obstétrica e 53,6% de mortalidade materna.

¹³ Disponível em: <<http://www.caurj.gov.br/execucao-de-marielle-franco-nao-pode-ficar-impune/>> acesso em: 21 de novembro de 2018

Não é tarefa difícil compreendermos o porquê dessa desigualdade. Sabemos que esta brutalidade é fruto de um período escravocrata, em que a mulher negra era violentada de diversas formas, de maneira repugnante, e o resultado é ainda hoje esta violência ser romantizada pela sociedade em que vivemos. Neste sentido, Davis (2016) pontua o quanto a mulher negra era forçada a ter diversas “obrigações”, além de trabalhar o dia todo na lavoura, junto com os homens, mantendo a mesma força e produtividade, e ainda sofria com o abuso sexual e outros maus tratos.

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modo cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente a sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 19)

Queremos ser representadas, sentir a segurança de igualdade de raça e classe, para isso é de extrema importância que sigamos fortes e em busca de ocupar todos os lugares possíveis vencendo as barreiras do racismo. Na política, em uma análise do perfil das candidaturas nas eleições 2016¹⁴, é possível visualizar o sexismo e o racismo que estrutura o país. Dentre as 493.534 candidaturas em todo o Brasil, foram 156.317 candidaturas do sexo feminino. Destas, somente 14,2% (70.265) eram mulheres negras concorrendo ao cargo de vereadora e 0,13% (652) ao cargo de prefeita, considerando-se “negra” a somatória das variáveis ‘pretas’ e ‘pardas’. E se ponderarmos somente as candidatas que se autodeclararam ‘pretas’, o número é ainda menor: 0,01% (60) para prefeitura, 0,03% vice prefeitura (135), 2,64% (13.035) se candidataram ao cargo de vereadora.

Esta realidade desigual também é possível perceber no mercado de trabalho, nas universidades, nos ambientes de lazer, em festas sociais. Em 2017, por exemplo, a professora Bartira Macedo de Miranda Santos tomou posse como nova diretora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás (FD/UFG), e no seu discurso, a professora enfatizava ser a primeira mulher negra e nordestina a assumir o cargo na universidade. Um grande passo, não podemos desmerecer esta conquista, mas podemos compreender que ainda estamos muito longe de ter uma representatividade justa.

¹⁴ Os dados de 2018 ainda não foram contabilizados; em: 08 de outubro de 2018.

A representação é a produção de significados através da linguagem. Na representação, argumentam os construcionistas, usamos signos, organizados nas linguagens de diferentes tipos, para se comunicar com o mundo de forma significativa/ As linguagens podem usar signos para simbolizar, significar ou fazer referência a objetos, pessoas e eventos no chamado mundo “real”, mas podem também fazer referência a coisas imaginárias e universos de fantasia ou ideias abstratas que não são em nenhum sentido óbvia parte de nosso mundo material. (HALL, 1997, p. 22)

Já em 2018, quase tivemos representatividade na Academia Brasileira de Letras, que conta com quarenta cadeiras e apenas uma ocupada por uma pessoa negra, do sexo masculino. Com a candidatura de Conceição Evaristo, uma reconhecida autora brasileira. Conceição nasceu numa favela em Belo Horizonte, trabalhou como empregada doméstica até se mudar para o Rio de Janeiro, aos 25 anos, onde passou em um concurso público para o magistério. Graduiu-se em Letras, é mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Evaristo teve apenas um voto, pois optou por não fazer uma campanha política, apenas seguiu algumas orientações. Ela não quis procurar padrinhos, não fez jantares para determinadas pessoas, apenas disponibilizou sua maior riqueza, o seu conhecimento em forma de livros e contou com mais de 40 mil assinaturas em duas petições, mais de 6,5 mil apoios. Mesmo assim, não venceu por não frequentar os salões, festas e jantares, por optar por uma candidatura diferenciada, com o contato que realmente importa. Na literatura, uma pesquisa da Universidade de Brasília (UnB)¹⁵, afirma que apenas 10% dos livros brasileiros publicados entre 1965 e 2014 foram escritos por autores negros, a mesma pesquisa também analisou os personagens retratados pela literatura nacional: 60% dos protagonistas são homens e 80% deles, brancos.

Dentre estes casos, que são apenas alguns escolhidos para pontuar a não representatividade, ainda temos diversas situações na mídia, seja em jornais, revistas, novelas, filmes, seriados, entre outros. O que é possível perceber com a invisibilidade de pessoas negras em diferentes lugares são traços fortes e marcantes de uma sociedade racista, que ainda se incomoda ao ver uma pessoa negra discursando, ocupando espaços, à frente de organizações, em novelas, programas televisivos, entre outros.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/pesquisa-da-unb-perfil-do-escritor-brasileiro-nao-muda-desde-1965>> acesso em: 21 de novembro de 2018

2.2 Representações midiáticas da mulher negra

Para iniciar esse ponto, proponho, mais uma vez, uma reflexão. Primeiro vamos imaginar um anjo, em seguida um príncipe, uma princesa e uma boneca. Quantas dessas representações que imaginou, são negras? Uma? Duas? Ou nenhuma?

Esta dinâmica foi proposta pela escritora Kenia Maria, no TEDx Talks¹⁶ em São Paulo, no ano de 2017 e, a partir dela, é possível aprofundar o tema das representações que são feitas da mulher negra na mídia. Neste mesmo vídeo a escritora questiona sobre os comerciais na TV, como, por exemplo, a família no comercial da margarina, a mulher na divulgação do absorvente, do creme hidratante, do Shampoo, de uma marca de carro... são inúmeros comerciais que não estamos representadas. Então questionamos: se nós, mulheres negras, somos 52%, conforme dados do IBGE, da população feminina, porque não estamos tendo representatividade nestes espaços?

Torna-se importante debatermos sobre o que é representação e representatividade. Representação é quando temos uma mulher negra na novela, representatividade é quando esta mulher negra esteja atuando em um personagem não estereotipado, por exemplo, a mulher negra como a “gostosona”, “favelada de mini blusa e corpo esbelto”, da mulher negra como “barraqueira”; isso é estereótipo e não representatividade. Para Hall (2006, p.31),

Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. [...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura.

Ou seja, é a representação que produz significado dos conceitos da nossa mente por meio de uma linguagem. Outro termo importante de se destacar aqui, e também está ligado na discussão da representação que é feita da mulher negra na mídia, é o estereótipo disseminado dessa mulher. Assim, Baptista (2004, p.112) diz que,

O estereótipo poderá ser entendido como um esquema cognitivo socialmente partilhado, produto de processamento de informação social,

¹⁶ Vídeo com a dinâmica disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bLkLaQVuRd8> > acesso em: 08 de novembro de 2018

cujo conteúdo é normalmente enviesado (construindo categorizações super-generalizadoras, exageradas ou até falsas). Cristalizando em torno de uma palavra que o designa e refletindo relações entre grupos sociais.

Já Sodré (1999, p.246), faz a referência específica a esse estereótipo em relação ao negro na mídia,

[...] a indústria cultural, constroem identidade virtuais a partir, não só da negação e do recalçamento, mas também de um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. Da identidade virtual nascem os estereótipos e as folclorização em torno do indivíduo de pele escura.

Um estereótipo extremamente comum ao falarmos da mulher negra é o conceito de “mulata”. Muitas vezes ele é utilizado por pessoas que não sabem como se dirigir a mulher negra quando querem se referir a ela ou elogiar, não sabem se falam, morena, mulata, negra... porque têm medo de serem ofensivos.

Nas novelas, filmes, revistas, os repórteres, principalmente na época do carnaval, falavam do belíssimo corpo das mulatas, do quanto as mulatas sambam bem, do quanto as mulatas eram desejadas. No entanto, este falso elogio carrega consigo um discurso machista e racista. O termo “mulata”, na realidade, vem de “mula” ou “mulo”: aquilo que é híbrido, originário do cruzamento entre espécies, mulas são animais nascidos da reprodução dos jumentos com éguas ou dos cavalos com jumentas. Em outra perspectiva, é o resultado da cópula do animal considerado nobre com o animal tido como segunda classe. Desta forma, trata-se de uma palavra pejorativa que indica mestiçagem, impureza, mistura imprópria que não deveria existir. Esse termo foi utilizado desde o período colonial para se referir a negros e negras de pele mais clara, frutos do estupro de escravas pelos senhores de engenho (RIBEIRO,2018), e teve sua legitimação nas teorias racionalistas que afirmavam serem estéreis. Ou seja, um termo extremamente racista, machista e violento que ainda é tido pela mídia e sociedade.

E é no âmbito de erotização do corpo feminino que se vai persistir, por parte da elite branca, na invenção da mulata, junto ao samba, carnaval e sexo. Originando um conflito maior ainda sobre a mulher negra, pois são seus símbolos de identidade que estão estereotipados e excluídos de conceitos sociais, culturais e de beleza. (QUADRADO, 2016, p. 2)

Sendo assim, não existe a necessidade de dizer “você é uma negra bonita”, “que morena simpática” ou ainda “mulata tem que saber sambar”, “pessoas morenas têm o sangue forte” entre outros. Nesta situação defende-se que, a cor da pele não

influencia no elogio ou comentário, é desnecessário citar a cor da pele da pessoa, no entanto essa situação só acontece com negros. Ninguém chega para uma mulher branca e diz: “que branca bonita é você!”, “Que branca de cabelo bom é você”...

Ribeiro (2018), neste sentido, afirma que o racismo está na base da construção do que é belo, que no conceito de belo, a mulher negra é considerada como feia por natureza, e só pode ser bonita em relação a outras negras. A sociedade hierarquiza nossa beleza.

Mulheres negras são sexualizadas e tratadas como objetos sexuais numa sociedade racista e machista como a brasileira. Desde o período colonial, as mulheres negras eram estupradas e violentadas sistematicamente deflagrando uma relação direta entre colonização e cultura do estupro. Mulher negra não é humana, é a "quente", a "lasciva", "a que só serve pra sexo e não se apresenta à família". O grupo de mulheres que mais são estupradas no Brasil porque essas construções sobre seus corpos servem para justificar a violência que sofrem. "Qual o problema em passar a mão? Elas gostam". (RIBEIRO, 2016)

Por isso salientamos que, para além de uma representação, que pode vir composta por muitos estereótipos negativos do corpo negro, necessitamos de uma representatividade. Exemplo disso é quando uma atriz, como Viola Davis¹⁷ (*figura 02*) conquista o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante (2017), pela atuação no filme *Fences – Um Limite Entre Nós*, se consagrando como a primeira mulher negra a receber um Oscar, e a primeira mulher negra a ganhar a tríplice Coroa: Oscar, Tony e Emmy, abrindo caminho para outras atrizes negras acreditarem no seu talento.

Figura 2: Viola Davis no Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante



Fonte: Site M de mulher¹⁸

¹⁷ Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/gente/viola-davis-faz-historia-primeira-mulher-negra-ganhar-um-oscar-um-emmy-e-um-tony/>> acesso em: 08 de nov. de 2018

¹⁸ Disponível em< <https://mdemulher.abril.com.br/cultura/viola-davis-ganha-seu-primeiro-oscar-e-faz-discurso-emocionado/>> acesso em 21 de novembro de 2018.

Representatividade é quando a turma da Mônica¹⁹ também terá família negra como personagens principais. Representatividade nos constrói enquanto pessoas, por isso BUCHMANN (2017) afirma:

Abrir uma revista e se ver nela é algo incrivelmente acolhedor. Enxergar semelhantes a nós, principalmente na infância, colabora para nossa formação como ser humano. Aumenta autoestima e empodera – além de mostrar a outras crianças a diversidade de cores. Ainda é fundamental uma história em quadrinhos de tamanho porte representar a sociedade brasileira sendo um pouco mais fiel, até para quem lê fora do território brasileiro possa entender como nosso país é. (BUCHMANN, 2017)

Ter uma mulher negra como defensora dos Direitos das Mulheres Negras da ONU²⁰ no Brasil, também é representatividade, como é o caso da atriz Taís Araújo (2017), que já se destacava no meio digital e participava de projetos em prol da visibilidade da mulher negra. Não queremos representatividade apenas nestes espaços, queremos espaço no entorno de tudo isso. Queremos fazer o comercial do creme dental, queremos ser a gerente de um estabelecimento, ser a professora nas salas de aula, queremos atuar sem distinção da cor da pele, nem de estereótipo. O intuito, não é ser igual a ninguém, nosso intuito é ser referência e ocupar oportunidades que não são ofertadas à mulher negra.

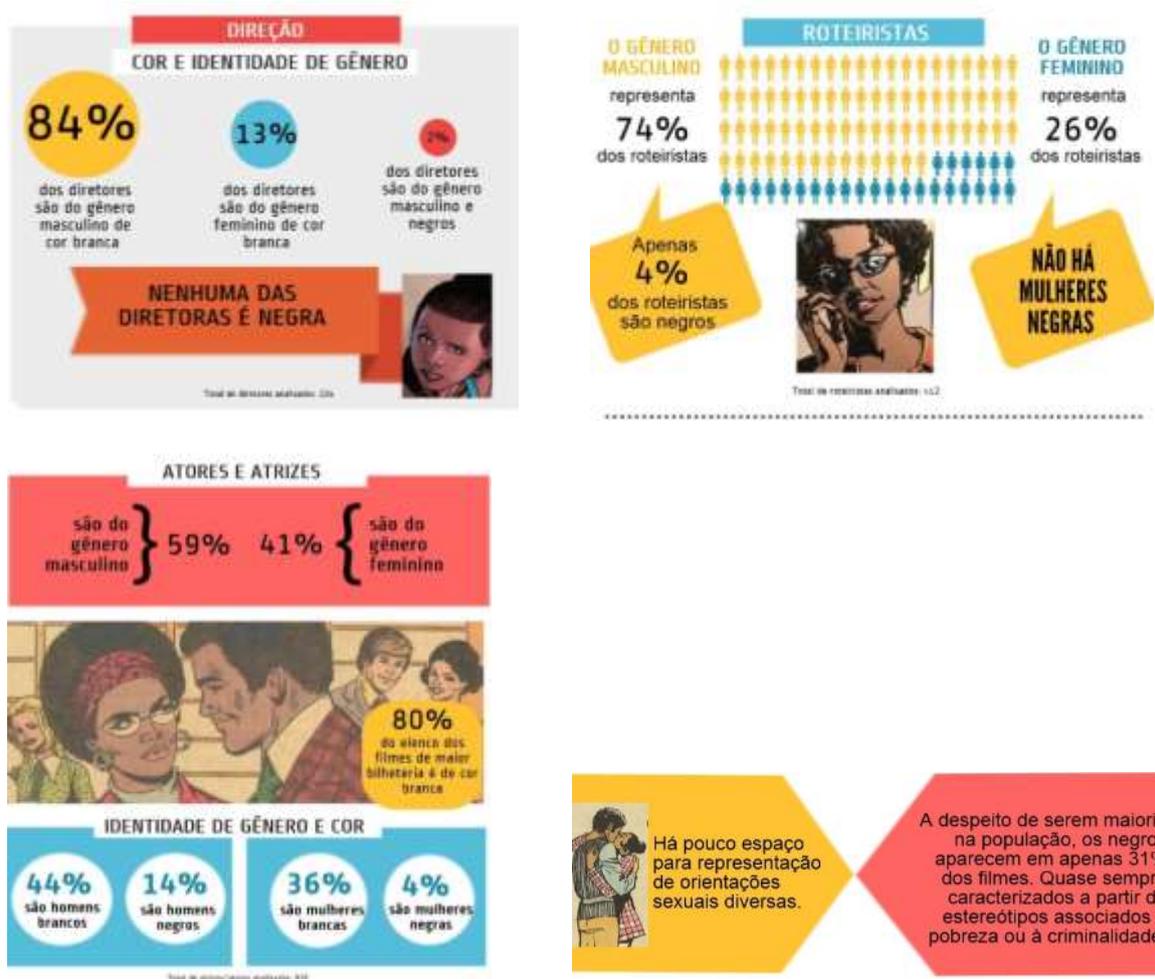
A pesquisa de Candido e Toste (s/ano)²¹ (*figura 03*), ilustra a realidade de representação e representatividade, reconhece que existe só 2% de homens negros diretores de filmes nacionais e não foi registrada nenhuma mulher negra. Sobre a composição de elenco, os pesquisadores consideram as produções brasileiras que alcançaram as maiores bilheterias entre 2002 e 2014. Dentre estes filmes analisados, 31% tinham no elenco atores negros, quase sempre interpretando papéis associados à pobreza e criminalidade.

¹⁹ Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/beleza/representatividade-turma-da-monica-tera-familia-negra-entre-os-personagens-principais-duda-buchmann/>> acesso em: 08 de outubro de 2018

²⁰ Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/gente/tais-araujo-e-escolhida-pela-onu-para-defender-direitos-das-mulheres-negras/>> acesso em: 08 de outubro de 2018

²¹ Disponível em: <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>> acesso em: 11 de novembro de 2018.

Figura 3: O Brasil das telas de cinema é um país branco



Fonte: Candido e Toste (s/ano)

A campanha de dia dos pais do Grupo O Boticário, no ano de 2018, (figura 04) que contou com uma família negra pela primeira vez em um comercial, mostrando a representatividade negra na mídia. No início, o número de *deslikes* no vídeo disponível no YouTube²² era superior ao de *likes*. Além do mais, houve pessoas que reclamaram, declarando falta de representatividade. É importante nos questionarmos que em muitos anos só se tinha comerciais com famílias brancas, e nestes comerciais, não havia problema algum, porém agora é falta de representatividade? Segundo o diretor de marketing do O Boticário, Alexandre

²² Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Aa-wZefbriM> > acesso em 22 de novembro de 2018

Bouza²³, a sugestão da agência e da produtora do filme em trazer uma composição familiar negra foi assertiva. O diretor reforça o objetivo da campanha, que era exaltar, com bom humor, algumas situações cotidianas na relação entre pais e filhos, comuns em quase todas as famílias. E para atingir esse objetivo, buscaram uma família com a qual as famílias brasileiras pudessem se identificar. Entretanto, como foi concluído anteriormente, a sociedade racista, se incomoda quando vê o negro existindo, ou seja, em virtude do racismo, a sociedade percebe o risco que corre em perder seu privilégio branco.

Figura 4: Dia dos Pais, O Boticário.



Fonte: Site Revista Época negócios²⁴

Para além dos comerciais, enfrentamos um problema delicado na telenovela brasileira, porque para muitos é o único entretenimento que chega a suas casas por meio da TV. Em muitas famílias o horário da novela é o momento em que se reúnem na frente da TV, para apreciar a dramaticidade. Às vezes almejando a vida daquele personagem, outras apenas por distração após um dia exaustivo de trabalho. Em ambas as situações, nem sempre aquela família, aquela mulher, aquela adolescente ou criança, terá o pensamento crítico de analisar o papel estereotipado que está sendo apresentado. A menina vai crescer não vendo o seu cabelo crespo nas novelas, mulheres negras vendo seu corpo ser usado como objetos, sem valor

²³ Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/blogs/familia-plural/por-que-a-campanha-de-dia-dos-pais-de-o-boticario-foi-alvo-de-racismo/>> acesso em 12 de dezembro de 2018

²⁴ Disponível em: < <https://epocanegocios.globo.com/Marketing/noticia/2018/07/campanha-do-o-boticario-com-familia-negra-e-alvo-de-ataques-na-internet.html>> acesso em 22 de novembro de 2018

algum, escutando discursos que a desvalorizam, correndo o risco de introjetarem o mesmo.

Em 2017, a telenovela *O Outro lado do Paraíso* (*figura 05*) foi tema para algumas pesquisas com a personagem Raquel (Erika Januza). A telenovela foi exibida pela Rede Globo, no horário das 21 horas, de 23 de outubro de 2017 à 11 de maio de 2018. Na trama, Erika Januza interpreta Raquel que, na primeira fase, morava em um Quilombo e depois vai para a cidade com o intuito de trabalhar e conseguir pagar os estudos. Na segunda fase da telenovela, ela se torna a juíza da cidade de Palmas. Na narrativa, a telenovela conta a história de Raquel, que, ao longo da primeira fase, sofreu com o racismo de Nádia (sua “patroa” e quase sogra). Além dos comentários dela, ainda sofreu preconceito de Gustavo, marido de Nádia, pois, quando Bruno (filho do casal) começou a namorar Raquel, o mesmo dizia “isso é coisa de homem, que precisava se divertir, que ele mesmo fazia isso com as ‘negras’ que trabalhavam na casa dele quando jovem”. Na segunda fase, Raquel volta na casa a convite de Nádia (sem saber que Raquel era a nova juíza), para um jantar de apresentação. Nádia se contém durante o jantar, porém continua sendo racista. A trama continua com idas e vindas do casal Bruno e Raquel, e com muitas interferências de Nádia – que só irá aceitar o relacionamento ao final da trama. Tal aceitação, no entanto, só ocorre, pois Nádia terá um neto negro, filho de Diego e Karina (ambos brancos) o que a leva a descobrir que em sua família existem parentes negros. Após o reconhecimento, Nádia passa a “aceitar” Raquel, problematizamos que ao mesmo tempo em que existe uma representação da mulher negra, não existe representatividade, e ainda com essa representação feita, só reafirma racismo e o estereótipo.

Figura 5: Elenco da novela O Outro lado do Paraíso no casamento da personagem Raquel.



Fonte: Site Área Vip²⁵

Recentemente, o debate polarizado nas redes sociais, e discutido pelo movimento negro e por diversos atores globais, foi a novela Segundo Sol (*figura 06*), trama de João Emanuel Carneiro, também exibida na faixa das 21 horas. A polêmica teve início pela falta de representatividade negra no elenco, já que a história se passa na Bahia, estado em que mais se tem negros fora do continente africano em torno de 76,3%²⁶ - no entanto, não podemos perceber isso na trama.

Figura 6: Elenco oficial telenovela Segundo Sol



Fonte: Site TV Foco²⁷

²⁵ Disponível em: <<https://www.areavip.com.br/novelas/o-outro-lado-do-paraíso/o-outro-lado-do-paraíso-bruno-e-raquel-se-casam/>> acesso em: 22 de novembro de 2018

²⁶ Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1546867-bahia-apresenta-o-maior-numero-de-negros>> acesso em: 12 de dezembro de 2018.

²⁷ Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/confira-o-elenco-de-segundo-sol-proxima-novela-das-nove-da-globo/>> acesso em 22 de novembro de 2018

A Rede Globo se posicionou afirmando estar acompanhando as críticas, e declarando que estão evoluindo sobre a questão de diversidade. Com a grande repercussão, o Ministério Público do Trabalho²⁸ também se posicionou encaminhando uma notificação recomendatória.

Isso está refletido no racismo estrutural brasileiro. Uma estrutura já consolidada de exclusão da figura do negro em termos de representação. Infelizmente, isto está naturalizado. Precisamos enfrentar. Pretendemos que estas emissoras abram este debate. Revejam as suas práticas (...). As emissoras não fazem isso sozinhas. É um reflexo desta situação. (ASSIS²⁹, 2018)

O reflexo de que não existe o debate na emissora, é o fato de ter apenas um programa, chamado Mister Brau (*figura 07*), como um dos únicos seriados da história da TV brasileira que mostra negros em papéis de destaque.

Figura 7: Família Mister Brau



Fonte: Site TV Foco³⁰

²⁸ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/15/Por-que-a-falta-de-negros-%C3%A9-um-problema-na-novela-%E2%80%98Segundo-Sol%E2%80%99>> acesso em: 08 de outubro de 2018.

²⁹ Procuradora responsável pela Coordenadoria Nacional de Promoção à Igualdade e Combate à Discriminação no Trabalho do Ministério Público do Trabalho.

³⁰ Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/rede-globo-decide-futuro-da-serie-mister-brau/>> acesso em 22 de novembro de 2018

Entendemos que a mulher negra não busca um papel de destaque, ou ser melhor que a mulher branca, queremos apenas direitos iguais. Se a mulher branca pode ser a protagonista da trama, a mulher negra também pode. Se a mulher negra pode ser a empregada doméstica, a mulher branca também. Não queremos que o nosso corpo seja estereotipado. Nossa luta é para deixarmos de ser representadas de uma mesma forma, em papéis subalternos à mulher branca.

2.3 Concursos de beleza: um espaço de estereotipização

Concursos de beleza, em geral, são eventos que buscam hierarquizar, ainda que de maneira subjetiva e parcial, a beleza de mulheres e homens que disputam uma vaga na corte. São tradicionalmente focados na beleza física dos participantes, além de incorporarem uma avaliação da inteligência, personalidade e um talento especial. Na atualidade, há milhares de concursos regionais, nacionais e internacionais, todos despertando maior ou menor interesse de público e da mídia. Os cinco maiores do mundo são o Big Four, o Miss Universo, Miss Mundo, Miss Internacional e o Miss Terra, além destes tem outras empresas que trabalham com concursos de beleza com fim de encontrar novos rostos para a passarela da moda, um deles é o Supermodel que explanaremos em seguida.

Nos regulamentos para inscrição de concursos de beleza que elegem uma corte de Misses (exemplificamos Miss Be Emotion e Miss CNB)³¹ é possível perceber, além de uma descrição minuciosa do comportamento adequado da candidata, o alto valor das inscrições. Inicialmente, já apontam que a candidata deve ser solteira, sem filhos, que devem ser do sexo feminino (não podem ter feito nenhum procedimento cirúrgico de readequação de sexo), fala-se sobre a medida corporal, com altura mínima de 1,68m de altura, devem se aproximar de 90 cm de quadril, 60 cm de cintura e 90 cm de busto. Se a candidata não estiver nesse padrão

³¹Regulamento Miss Santa Catarina Be Emotion 2017: Disponível em:<<http://www.missantacatarinaoficial.com.br/portal/wp-content/uploads/MISS-SC-BE-EMOTION-2017-Regulamento.pdf>> acesso em 13 de novembro de 2018
Regulamento Miss Santa Catarina Be Emotion 2018: Disponível em:<http://www.missantacatarinaoficial.com.br/portal/wp-content/uploads/MISS_SC_BE_EMOTION_2018-Regulamento_para_Inscricao_de_Candidatas-Alteracao_1.pdf> acesso em 13 de novembro de 2018.
Regulamento Miss Santa Maria Be Emotion 2018: Disponível em:<<https://missantamariars.com.br/regulamento/>> acesso em 13 de novembro
Regulamento Miss Rio Grande do Sul CNB 2019: Disponível em:<<https://www.missriograndedosulcnb.com.br/inscricao-2019>> acesso em 13 de novembro de 2018

já será desclassificada. Não bastando todas estas definições, ainda se exige que a escolaridade deva ser no mínimo nível superior (em andamento ou concluído), ter um bom nível cultural, estar envolvida em causas sociais, ter uma boa condição física, mental, não ter tatuagens muito grandes, e além de tudo isso, deve pagar um valor entre 200,00 à R\$2.000,00 ou mais depende de etapa (municipal, estadual, nacional ou mundial) do concurso em questão.

O que problematizo nesse ponto é a participação da mulher negra nestes concursos. Ao passo que questionamos o fato de ser um espaço totalmente estereotipado, também sabemos do quanto é necessário a representatividade da mulher negra, valorizando sua beleza, e sendo exemplo para outras meninas e ajudando na construção da autoestima dessas mulheres. Gomes e Miranda (2014, p. 6), dizem que,

Nesse processo, expressar a negritude por meio do corpo e da corporeidade começa a ser percebida socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e de afirmação da identidade. Esta percepção passa de um movimento interno, construído no seio da comunidade negra – não sem conflitos e contradições – para um movimento externo, de certa valorização da estética e corporeidade negra no plano social, também conflitiva. Emerge de maneira tensa e com diferentes intensidades de explicitação uma leitura política da estética, do corpo e da negritude. Exotismo e politização, visibilidade e ausências, possibilidades de emancipação social e reprodução de estereótipos via a corporeidade fazem-se presentes como relações e práticas sociais.

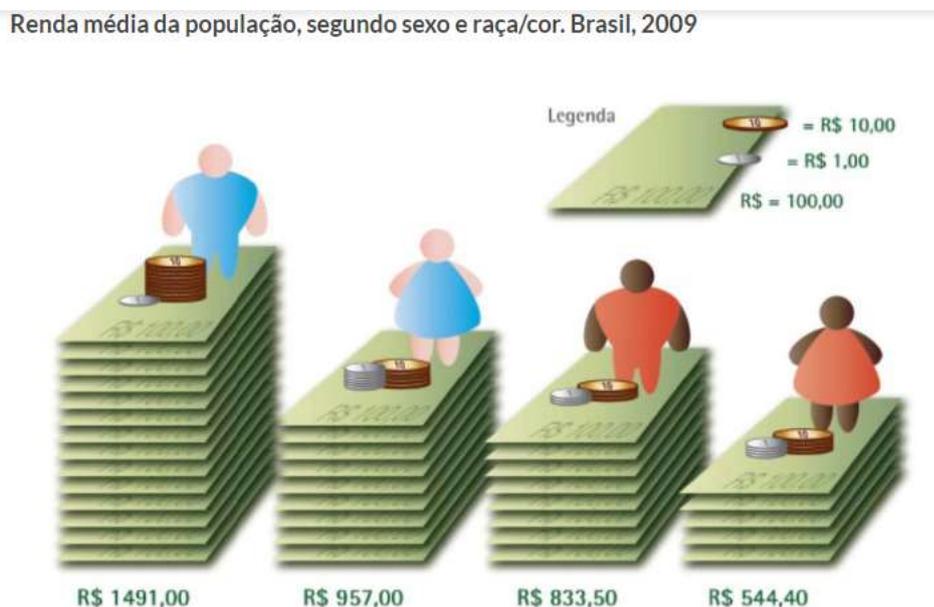
No entanto como há de se ter uma participação da população negra, se todas estas exigências são quase impossíveis para nós? Conforme Iraci (2013)³², as mulheres negras continuam tendo menor acesso a direitos e serviços,

Reconhecer a existência dessa dimensão da desigualdade, tão profundamente marcada na sociedade e Estado brasileiro, é essencial para enfrentá-la. A população negra continua tendo menor acesso a direitos e a serviços que deveriam ser garantidos a toda a população brasileira, e que o Estado, por obrigação, deveria assegurar.

Esta realidade pode ser visualizada através da *figura 08*.

³² Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/racismo/pautas-racismo/aviso-de-pauta-racismo-institucional-e-desigualdade-de-genero/>> acesso em 13 de novembro de 2018.

Figura 8: Renda Média da População Brasileira



Fonte: Dossiê Violência contra as mulheres³³

Nessa perspectiva, quando mulheres negras conseguem chegar até aos concursos de beleza, ou ainda vencê-los, é sem dúvida um grande passo em direção ao combate do racismo e na libertação da autoestima da mulher negra.

A conquista da baiana Ana Flavia Santos³⁴ (*figura 09*) 20 anos, exemplifica tal situação. Ana Flávia foi a primeira mulher negra vencedora do Supermodel, de uma empresa criada nos anos 70 por Eileen e Jerry Ford nos Estados Unidos, que busca modelos com potencial de sucesso em todo o Brasil e no exterior, já lançou internacionalmente nomes como Adriana Lima, Mariana Weickert, Camila Queiroz, Isabella Fiorentino, Evandro Soldati, Rafael Lazzini, Celina Locks, Max Motta, Lays Silva, Larissa Schmidt, Naomi Campbell, Lauren Hutton, Christie Brinkley, Brooke Shields, Kim Basinger e Christy Turlington. Já no Brasil a Agência que realiza este concurso é a FORD Models, dirigida desde 1995 pelos empresários Denise Céspedes e Decio Ribeiro, tem sede em São Paulo e escritórios no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Florianópolis. Sendo assim, ser uma vencedora do Supermodel ou ficar entre as finalistas é, sem dúvida, um grande impulso na carreira de qualquer modelo.

³³ Disponível em: < <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-e-racismo/> acesso em 13 de novembro de 2018

³⁴ Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/moda/modelo-baiana-e-primeira-negra-vencer-o-supermodel-of-the-world-brasil/>> acesso em: 11 de novembro de 2018

Figura 9: Ana Flavia Santos



Fonte: Perfil do Instagram de @taisdeverdade

No entanto, não podemos fechar os olhos apenas com uma vitória, precisamos continuar ocupando mais e mais espaços, porque sabemos qual é o “padrão” de beleza que é imposto na grande maioria destes concursos, um padrão em que a mulher negra não está incluída. Neste sentido, Quadrado (2016) reforça que no Brasil tinha-se a concepção de uma negatividade da presença negra para a constituição da identidade nacional, por isso, durante os séculos XIX e XX, surge a figura do mestiço. A autora ressalta que a realidade da mestiça e da mulata, envolve conflitos e domínio colonial.

Para Giacomini (2006 *apud* Zanini, 2009), pensar em concursos de beleza, e a não representatividade da mulher negra na grande maioria destes, é também refletir sobre a representação que é feita sobre esse corpo negro, a estética da mulher negra, sobretudo representação moral e sexual. A autora defende que é importante concursos específicos para aumentar autoestima. Ideia também defendida por Oliveira (2010), que completa afirmando que os cuidados com a beleza e a história de sucesso pessoal, são uma das principais estratégias de elevação da autoestima.

No Brasil, a estética é associada a padrões de beleza brancos, uma superioridade estética denominada branquitude. Quadrado (2016) entende que corpo negro é visto como um ícone de feiura, primitivismo, agressividade e

descontrole fazendo parte de um complexo processo histórico, em uma racialização do gênero, para administrar o corpo da mulher branca e conter o da mulher negra.

Há esse imaginário que se faz da mulher negra que samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame, dos filhos da madame. Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, o imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe. (EVARISTO, 2017)³⁵

É possível relacionar este debate a diversos concursos, entre eles, o Miss Brasil, que desde sua primeira edição, em 1954, mais de 60 mulheres já ganharam o título. Nos primeiros anos de concurso de beleza, as candidatas se destacavam pelas curvas do corpo da mulher, depois de um tempo as participantes estavam seguindo uma estética de modelo de passarela, alta, magra, sem curvas, e podendo ser submetidas a cirurgias estéticas. No entanto, destes mais de 60 anos de concurso, apenas três coroadas eram mulheres negras. A primeira foi em 1986, Deise Nunes (*figura 10*), representando o Rio Grande do Sul.

Figura 10: Deise Nunes Miss Brasil 1986



Fonte: Site Ego³⁶

³⁵ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>> acesso em: 23 de novembro de 2018.

³⁶ Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/10/envelhecer-com-ex-miss-e-sempre-mais-cruel-diz-deise-nunes.html>> acesso em: 22 de novembro de 2018

É interessante observar neste contexto, o espanto da própria candidata com a coroação, o que já reflete o estereótipo de candidata que era escolhido para representar o estado.

Então, foi assim, o maior espanto, claro, compreensível até então, "Como assim, no Rio Grande do Sul tem negro?", não é? Porto Alegre, eu nasci no Rio Grande do Sul, me criei lá, moro lá até hoje! (?), "Não, porque o Rio Grande do Sul nunca mandou uma negra, sempre foi loira!" Eu era a única! Então, eu era a única diferente ali. (NUNES, 2016, apud. QUADRADO, 2016, p.7)

Assim, após ser coroada como Miss Brasil, se iniciam os preparativos para concorrer ao Miss Universo, e nesta fase do concurso, é possível perceber através de fotos e vídeos, que Deise Nunes, não modificou sua estética (*figura 11*). A Miss Brasil 86, ficou em sexto lugar no Miss Universo, que nesse ano, foi realizado no Panamá.

Figura 11: Deise Nunes (a direita) no Miss Universo 1986



Fonte: Site Misses na passarela³⁷

³⁷ Disponível em: < <http://missesnapassarela.blogspot.com/2008/10/srie-tira-teima-miss-universo-86.html> > acesso em 22 de novembro de 2018

Após quase 30 anos de edições de Miss Brasil e de um jejum de representantes negras como vencedoras, no ano de 2016 Raissa Santana (*figura 12*), representando o estado do Paraná, vence o concurso. Neste mesmo ano, foi a primeira vez, em que mais que uma mulher negra concorreu à coroa. Eram seis candidatas negras (*figura 13*) disputando o concurso de beleza (representantes dos estados da Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Paraná, Rondônia e São Paulo), equivalendo a 25% das participantes, um número ainda pequeno, mas já entendemos como um avanço. Percebemos a emoção de Raissa na sua fala, deixando nítida a importância dessa representatividade nos concursos:

Eu estou muito emocionada. Isso aqui é uma mistura de emoções muito grande. Eu não esperava ganhar esse título, mas estou muito feliz por ter conquistado esse título e por poder representar a beleza negra e incentivar meninas que têm o sonho de ter alguma coisa, de conquistar, de ser uma modelo, de ser uma miss... agora, quero incentivar essas meninas e mostrar para elas que elas podem. SANTANA (2016)³⁸

Figura 12: Raissa Santana no Miss Brasil Be Emotion 2016



Fonte: Site Curta Mais³⁹

³⁸ Disponível em: <<http://ego.globo.com/beleza/noticia/2016/10/raissa-santana-do-parana-e-eleita-miss-brasil-2016.html>> acesso em: 08 de out. de 2018

³⁹ Disponível em: <<http://www.curtamais.com.br/goiania/raissa-santana-do-parana-e-a-nova-miss-brasil-2016>> acesso em: 22 de novembro de 2018

Figura 13: Candidatas negras do Miss Be Emotion 2016



Fonte: Site Ego⁴⁰

No Miss Universo (*figura 14*), realizado em Manila, capital das Filipinas, país de origem da Miss Universo 2015, Pia Wurtzbach, Raissa Santana ficou entre às 13 finalistas.

É uma responsabilidade muito grande. Estou representando toda nação e todas as mulheres. Eu sinto o peso da responsabilidade, mas não vejo como uma coisa ruim. É uma oportunidade de fazer algo bom, que pode influenciar e ajudar muitas meninas. (SANTANA, 2016)

⁴⁰ Disponível em: < <http://ego.globo.com/beleza/noticia/2016/09/miss-brasil-2016-registra-recorde-de-candidatas-negras.html> > acesso em 22 de novembro de 2018

Figura 14: Raissa Santana no Miss Universo



Fonte: Perfil do Instagram @santana_raissa

Raissa Santana foi considerada por outras, misses como Natália Guimarães (Miss Brasil 2007 e Vice-Miss Universo do mesmo ano), Marthina Brant (Miss Brasil 2015), Flávia Cavalcante (Miss 1989 e que esteve no júri da disputa paranaense que elegeu Raissa), Deise Nunes (única negra a ganhar o Miss Brasil antes de Raissa) e Renata Bessa (Miss Brasil 1995), como favorita e com muito potencial para representar o Brasil na fase mundial.

O que é interessante refletirmos neste ponto são os traços do rosto de Raissa, traços mais de origem europeia, nariz mais desenhado, lábios mais finos, talvez, por esse motivo, ela fosse melhor “aceita” nesse contexto de jejum de misses negras no concurso, até mesmo o cabelo, mais ondulado do que realmente crespo. Cabe destacar que não estamos criticando a modelo ou questionando sua imagem, apenas estamos pontuando aspectos que auxiliam na reflexão sobre o estereótipo do que e/ou quem é considerado belo.

[...] o interesse está em levantar a questão do julgamento da aparência na fenotipia escura, a espinhosa questão estética que tem acarretado desvantagens objetivas na luta dos descendentes de escravos por inserção social e melhores oportunidades de emprego. Numa sociedade esteticamente regida por um paradigma branco- por mais difícil que seja hoje manejar a ideia de uma identidade cultural fundada em critérios de raça-, a clareza ou a brancura da pele, mesmo sem as barreiras gueticantes do multiculturalismo primeiro-mundista, persistente como marcas simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social

ou de defesa contra as perspectivas “colorizadoras” da miscigenação, da coexistência com imigrantes cada vez mais numerosos nos fluxos da globalização.” (SODRÉ, 1999, p.234)

Ainda no contexto de Miss Brasil 2016, é necessário, também, destacarmos que a modelo foi vítima de discurso racista e um discurso machista logo após a coroação, sendo questionada sobre sua feminilidade e comparada a macacos. Percebe-se então, uma série de discursos criminosos relacionados à Miss. Muitos dos comentários, no entanto, nem foram registrados na mídia, porque o Portal da Cidade Umuarama (cidade que Raissa representava), preferiu não expor ainda mais a modelo.

Já no ano seguinte, em 2017, com apenas 18 anos, a piauiense Monalysa Alcântara tornou-se a terceira Miss Brasil Negra (*figura 15*). No Miss Universo, obteve o melhor desempenho brasileiro dos últimos anos, se classificando entre as dez semifinalistas de 2017 (*figura 16*).

Figura 15: Monalysa Alcântara no Miss Brasil Be Emotion 2017



Fonte: Site Purepeople⁴¹

⁴¹ Disponível em: < http://www.purepeople.com.br/midia/monalysa-alcantara_m2222332> acesso em 22 de novembro de 2018

Figura 16: Monalysa no Miss Universo 2017



Fonte: Site Folha de São Paulo⁴²

Monalysa diz em entrevista para a Folha de São Paulo⁴³ que: “Temos que provar mil vezes mais coisas que a mulher branca porque as oportunidades são mínimas para as negras e sempre estamos alguns passos atrás.” A modelo relata que a carreira de Miss e modelo, lhe proporcionaram estudar e ter oportunidades, o que podemos interpretar que mesmo os concursos de beleza sendo um ambiente, elitizado, estereotipado, para muitas mulheres negras é um refúgio e/ou caminho para aceitação dentro de uma sociedade racista, um meio de se sentir valorizada e respeitada. Pelo sucesso e espaço que Monalysa estava tomando na mídia, surgiram comentários criminosos em relação a Miss, bem como comentários favoráveis, estes questionamentos que analisaremos mais a diante.

⁴² Disponível em: < <https://f5.folha.uol.com.br/estilo/2017/11/no-miss-universo-2017-brasileira-chega-a-semifinalista-mas-e-eliminada.shtml>> acesso em 22 de novembro de 2018

⁴³ Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/estilo/2018/05/miss-brasil-monalya-alcantara-diz-que-mulher-negra-deve-se-provar-mil-vezes-mais-que-a-branca.shtml>> acesso em 08 de out. de 2018.

3. CONFINAMENTO: PERCURSO METODOLÓGICO

*Meu cabelo é enroladinho
E é assim que tem de ser
Gosto assim, desse jeitinho
De outro jeito, tem nada a ver
Meu cabelo cresce pra cima
Ele é sensacional
Desafia a gravidade
E me enche de vaidade
Já puseram apelidos
Palha seca, pixaim
Meu eu juro que não ligo
Gosto dele é assim[...]
Cintia Amorim.*

O confinamento é o período em que a candidata chega ao lugar onde ficará hospedada durante todos os dias do evento. Alguns concursos não permitem contato com ninguém da família, outros permitem um acompanhante, mas a maioria prefere que a modelo fique imersa naquele espaço, conviva com as demais candidatas, evite distrações, repense as estratégias. É o período em que acontecem algumas fases do concurso, e também é o momento para mostrar o lado pessoal para os jurados, seus comportamentos, gostos, postura entre outros.

E na pesquisa, será o momento em que apresentamos nossa principal “estratégia” para alcançar o objetivo, este será o capítulo em que discorreremos sobre nosso percurso metodológico. Inicialmente traremos a análise cultural, com base na perspectiva de Williams (2003). Na sequência, abordaremos sobre a análise cultural-midiática, ou seja, a apropriação que fizemos da análise cultural de Williams (2003), aliada à análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016). A escolha da análise de conteúdo se fez, pois, esta tem como material principal os significados, visando o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares. Por fim, apresentaremos os comentários selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa.

3.1 Análise cultural pelo viés dos Estudos Culturais

A análise da cultura tem o intuito de compreender como se dão as inter-relações de todas as práticas, os processos e os padrões vividos e experimentados como um todo, em uma determinada conjuntura social. Nesta perspectiva, buscando

contribuir com a compreensão das manifestações culturais, Williams (2003) distingue três categorias de cultura: A *ideal* na qual a cultura é um processo de perfeição humana, ou seja, fixa e absoluta. A *documental* que seriam as obras intelectuais e imaginativas que registram o pensamento e a experiência intelectual do ser humano. E a *social*, que trata de descrever a maneira de viver da sociedade, por meio dos valores e significados de sociedades (WILLIAMS, 2003).

Estas definições se tornam significativas para uma análise dos diferentes aspectos da humanidade, através dos valores e significados. À vista disso, é inadmissível que as categorias não sejam analisadas de uma forma conjunta, visto que, se partir de uma de uma definição ideal, abstrai o processo de transformação do homem e da sociedade, assim como, também não é concebível valorizar apenas os registros documentados e desagregar-se do restante da vida em comunidade. Ainda, entender os processos de arte e aprendizado apenas como um subproduto da sociedade também não é conexo. Logo, Williams (2003, p.53) declara que “ [...] *debemos tratar de ver el proceso como un todo y todo relacionar nuestros estudios específicos – si no explicitamente, sí al menos a través de una referencia última-com la organización real y compleja.* ”

O referido autor esclarece que além da sua preocupação em defender que há uma relevância em considerar as três definições de cultura juntas, deve-se entender que a arte, a política, o comércio, entre outros âmbitos da sociedade, envolvendo à mídia, devem ser analisados de maneira particular. Exemplo disso é um programa televisivo, que dependendo do contexto, da história e do local onde se passa, é expresso e exibido de formas diferentes, por mais que os elementos sejam universais (HENRIQUES, 2016) – o mesmo acontece com os concursos de beleza. Sob outra perspectiva, a partir do que é veiculado podemos ter uma visão geral sobre a cultura vivida a partir da apresentação de alguns fatores selecionados para serem representativos dessa realidade. No entanto, esse processo de “seleção” faz com que alguns aspectos dessa cultura se tornem esquecidos.

Neste contexto, na teoria cultural desenvolvida por Williams (1979), alguns eixos centrais salientam as bases epistemológicas sobre as quais são desenvolvidos os percursos metodológicos que têm na cultura seu ponto principal de investigação. Tais eixos referem-se à *cultura vivida*, sendo presencial, *cultura registrada*, que seriam as obras de artes, vídeos, documentos, e por último a *cultura de tradição seletiva*, que seria uma espécie de resgate de costumes do passado no presente.

Com o passar do tempo, uma vez que a antiga geração morre, a cultura vivida, vai se tornando a cultura registrada. Seguindo assim, a cultura da tradição seletiva determina uma cultura e um registro histórico de uma sociedade própria, bem como produz a rejeição de “zonas consideráveis” daquela antiga geração. Sendo esta seleção determinada por diferentes predileções, por exemplo, raça, gênero e classe. Johnson (2006, p.51), reforça que “o problema é que as definições do que é considerado importante, são, em boa parte, socialmente específicas e, em particular, tendem a corresponder às estruturas masculinas – e de classe média – de ‘interesse’”. Pensando neste contexto, ponderar apenas nas características de um grupo dominante, enquadrado em um determinado período, pode ser inconveniente, podendo ignorar parte do processo histórico.

Com esses entendimentos, partimos da ideia de que cultura é comum ou ordinária (WILLIAMS, 2003). É onipresente, independente de raça, classe ou gênero. Por isso, ao analisar um produto cultural necessitamos conhecer o lugar que este produto está inserido na sociedade, precisamos compreender o contexto das mulheres negras, suas lutas, suas pautas, problematizar o racismo, para assim também perceber a importância dos concursos de beleza como um produto cultural. Buscando complementar esse estudo utilizaremos também a análise de conteúdo para contribuir com os entendimentos dos sentidos construídos sobre a identidade da mulher negra.

3.2 Análise Cultural-midiática: uma proposta para análise de sentidos sobre a identidade da mulher negra

Junto à análise cultural midiática, a fim de elencar os sentidos sobre a identidade da mulher negra, utilizaremos, também, a análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2016). Esta análise tem como material principal os significados, visando o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.

Para Bardin (2002), a análise de conteúdo relaciona as estruturas semânticas (significantes) das mensagens com as estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e então, busca articular a superfície dos textos com os fatores que determinam suas características, como variáveis psicossociais, contexto cultural e

processo de produção da mensagem. A autora define, então, análise de conteúdo como,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2002, p.42).

É possível, ainda, distinguir a análise de conteúdo entre a tradicional, quantitativa, e a análise de conteúdo como investigação. A primeira utiliza-se de unidades de classificação correspondentes às estruturas linguísticas do texto (palavras, temas...) e de dados numéricos e técnicas de cálculo. A análise de conteúdo como investigação utiliza unidades sem relação linguística imediata e valoriza o momento interpretativo.

É neste último sentido que utilizamos aqui, já que as análises qualitativas são o principal foco dos estudos culturais, que buscam compreender sentidos, significados, valores e culturas. Com isso, as unidades buscadas são temáticas. “O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, atitudes, valores, crenças e tendências” (BARDIN, 2002, p.107), ou seja, é aquilo que se sobressai do texto, não é de ordem linguística, mas sim psicológica, podendo ser uma afirmação sobre algum assunto, uma alusão, proposições. “Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido” (BARDIN, 2002, p. 105). Dizemos, então que a análise de conteúdo tem como objetivo a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.

A análise de conteúdo caracteriza-se, ainda, por ser aplicada a pesquisas empíricas e, por este motivo, segundo a autora, não pode ser desenvolvida com base em um modelo exato, mas deve seguir algumas regras para melhor aplicação e melhores resultados. Para uma aplicabilidade coerente do método, a análise deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes etapas básicas, de acordo com Bardin (2002) são: 1- Pré-análise; 2- Exploração do material; 3 - Tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

A pré-análise, objetiva a organização do material de pesquisa, para que o

analista possa conduzir as operações sucessivas de análise. Além da escolha dos documentos, também são formuladas hipóteses para a elaboração de indicadores, para a interpretação final. Esta primeira fase caracteriza-se pela “leitura flutuante”, que é o estabelecimento de um primeiro contato com os documentos a serem analisados, conhecer o seu texto, primeiras impressões e aprofundamento de leitura de acordo com estas impressões. Esta etapa foi executada no pré-projeto, quando escolhemos nosso objeto empírico. Naquele período de produção, buscamos informações a respeito do racismo sofrido pela vencedora do concurso, usando a frase “racismo Miss Brasil 2017” como forma de busca no *Google*, procurando dados, e tudo que pudesse contribuir para a escolha dos documentos. Em um segundo momento, averiguamos no período de 9 a 20 de agosto de 2017 (período em que as candidatas estavam no confinamento) o que havia sido noticiado sobre o caso. Cabe destacar que atualmente já não conseguimos ter acesso aos comentários originais, apenas foto em outros sites. Percebemos, também, que a temática ganhou espaço em várias outras mídias, além da internet, inclusive em programas televisivos como do Fábio Porchat⁴⁴ (*figura 17*) e *Encontro*⁴⁵ com Fátima Bernades (*figura 18*), programas em que Monalisa foi convidada a participar para falar além do reinado, mas também deixando um posicionamento referente aos discursos racistas sofrido. Importante ressaltar, que as notícias, na grande maioria, frisavam o fato da Miss Brasil 2017 ser a terceira mulher negra ser considerada a mais bonita do país.

⁴⁴ Disponível em:

<https://www.facebook.com/fabioporchat/videos/1897421553617603/?comment_id=1979228558956076&reply_comment_id=125579604790442¬if_id=1510006214743232¬if_t=video_reply&ref=notif> Acesso em: 12 de novembro de 2018

⁴⁵ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6097742/>> Acesso em: 12 de novembro de 2018.

Figura 17: Monalysa no programa do Fábio Porchat



Fonte: Perfil do apresentador do programa

Figura 18: Miss Brasil 2017 no programa Encontro com Fátima Bernardes



Fonte: Globo Play

No primeiro momento da pesquisa, encontramos diversos comentários relativos à coroação no *Twitter* e no *Facebook*, que obtiveram maior visibilidade em diferentes sites de notícias. Por esta predominância e pela relevância destas redes sociais, elas foram escolhidas. Ou seja, as redes sociais *Twitter* e *Facebook*, não foram selecionadas de imediato e sim chegamos até elas a partir dos comentários e da relevância dos mesmos na questão a ser estudada. Partindo destas definições

podemos afirmar já de início que há racismo em nossa sociedade, já que nenhum dos comentários se referiram à Miss Brasil 2017 como incompetente por não atender algum quesito, ou faltar com algum ponto importante para ser uma Miss, a não ser, pelo fato (pelo olhar de alguns), que ela não era uma mulher branca como a Miss Rio Grande do Sul 2017. Com isso, seguimos assim para a segunda fase da análise de conteúdo, que será descrita no próximo tópico, que será a exploração do material. Bardin (2002) a entende como a administração sistemática das decisões tomadas na pré-análise.

Já a última etapa da análise, que será feita no capítulo seguinte, se dá pelos resultados das interpretações feitas dos comentários. O analista, “tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2002, p. 101). Com isso, acreditamos que será possível evidenciarmos quais são os principais sentidos que se estabelecem acerca da identidade da mulher negra.

3.3 Corpus de pesquisa

O Miss Brasil⁴⁶ é considerado o maior concurso de beleza do país, e tem o objetivo de revelar a mulher mais bonita do Brasil anualmente. Representantes dos 26 estados mais o Distrito Federal, buscam demonstrar confiança e força, para receber a tão desejada coroa e título. Além de representar o Brasil no Miss Universo, a eleita é considerada a embaixadora da BE Emotion, que é a marca de beleza da Polishop, líder no varejo multicanal no Brasil. Com mais de 100 itens para a pele, olhos, cabelos, corpo e rosto. O portfólio da Be Emotion tem o lema de ser criado e desenvolvido para promover a transformação e a expressão das diversas facetas da mulher brasileira.

Além disso, o concurso é muito mais do que uma referência de beleza, a franquia defende que a Miss escolhida deve representar outras mulheres da sociedade, deve ocupar um papel importante em causas sociais e utilizar esse espaço como abertura para uma representatividade digna. No entanto, podemos pensar no valor dessa representatividade com base nas palavras de SPIVAK (2010,

⁴⁶ Disponível em: < <http://missbrasil.beemotion.com.br/sobre-o-miss-brasil-be-emotion/>> Acesso em: 12 de novembro de 2018

p.126),

“o subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher -negra, pobre’ como um item respeitoso na lista de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.”

Pensando neste sentido, uma mulher negra ter esta visibilidade e “poder” ao ser considerada a mulher mais bonita do país é sim muito relevante.

A edição de 2017 aconteceu dia 19 de agosto de 2017, em Ilhabela, cidade de 32 mil habitantes no litoral norte de São Paulo, o concurso foi em um formato diferente e mais intimista do que nas edições passadas, ocorrendo pela primeira vez fora de uma capital e recebeu em torno de 600 pessoas no Teatro de Vermelhos, espaço em meio à mata atlântica, no sul da ilha. Participaram 27 candidatas, que chegaram à cidade no dia 9 de agosto e, por lá, passaram por um período de confinamento e ambientação. Estava incluso na programação uma série de atividades, exercícios físicos como aulas de funcional, ensaios fotográficos e ações em contato com a natureza. A prefeitura da cidade desembolsou cerca de R\$ 2 milhões para patrocinar o evento.

A apresentação do concurso contou a participação do ator e apresentador Cássio Reis, enquanto a digital *influencer*, Rayza Nicácio, fazia as reportagens especiais. Raissa Santana, Miss Brasil 2016 coroou sua sucessora, e pela primeira vez nesses mais de 60 anos de concurso, uma mulher negra passou a coroa para outra mulher negra. Alguns importantes nomes do mercado da moda, como o renomado estilista Ricardo Almeida, Adriana Bozon (diretora criativa da Ellus), Nelson Alvarenga (fundador da Ellus e presidente do Inbrands), Alice Ferraz (fundadora da F*Hits), as empresárias de moda Cris Arcangeli e Maythe Birman, além de Leila Schuster (jornalista e Miss Brasil 1993) e top plus size Fluvia Lacerda marcaram presença na bancada de jurados na noite da grande final. O júri técnico foi composto por Patrícia Parenza (jornalista de moda), Renata Kalil (editora de beleza da redação Glamour), Gilberto Júnior (coordenador de moda da revista Ela, do jornal carioca O Globo) e pela diretora geral do concurso, Karina Ades.

Ao final do concurso, teve uma etapa de perguntas e respostas⁴⁷, estavam nesta fase a Miss Piauí, Miss Rio Grande do Sul, Miss Sergipe, Miss Espírito Santo,

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZD7N9O3DfEI>> acesso em 12 de outubro de 2018

e Miss Pernambuco, nesta respectiva ordem. A primeira Miss teve de responder para a jurada Adriana Bozon: *“Como pretende se destacar das demais candidatas de Miss Universo se for eleita a Miss Brasil?”*, e Monalysa, respondeu: *“Minha super estratégia será ser eu mesma, uma mulher nordestina, que passou por diversas coisas, muitas dores que fizeram ser quem eu sou hoje. Vou ser eu mesma. Não tem segredo”*. Entende-se com esta fala da Miss, que “a identidade é então o que está em jogo nas lutas sociais. Nem todos os grupos têm o mesmo “poder de identificação”, pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relações que liga os grupos. ” (CUCHE, 2002, p.185-186). A Miss, que não se reconhecia enquanto mulher negra quando criança, frisou durante todo o período do concurso que sua intenção era contribuir para que a mulher negra valorizasse sua própria beleza, buscando ser o exemplo: *“através da minha história, vou ajudar as mulheres negras a se acharem mais bonitas e mostrar que elas são capazes de seguirem seus próprios sonhos, assim como eu segui o meu”*, afirmava.

Já a Miss Rio Grande do Sul, que era muito comentada como preferida para a coroa, Juliana Mueller (vice Miss Brasil 2017), manteve no decorrer do concurso o lema de que amava a sua beleza interior e não ligaria se não fosse magra. Então o jurado Nelson Alvarenga, sendo o sorteado para lhe fazer a pergunta a questionou: *“vivemos no mundo de hoje em que ser magro é muito mais apreciado, você conviveria bem não sendo magra?”*. Juliana respondeu: *“Muita Boa Noite (sic), com certeza, porque me amo do jeito que eu sou, o que realmente importante (sic) é o que a gente tem dentro, o realmente o coração (sic)”*. Com o nervosismo a Miss RS, não conseguiu formular uma frase completa para a resposta. Sendo esta fase muito decisiva e a postura da Miss Piauí, já vinha tornando-se cada vez mais admirada, os votos foram a maioria a favor da sua coroação⁴⁸, se tornando então Miss Brasil 2017, Monalysa Alcântara.

Em uma entrevista para um Blog⁴⁹, a piauiense, de apenas 18 anos, contou que cursava administração de empresas, no Piauí, e com as demandas do reinado, precisou trancar o curso. A Miss tem um irmão e uma irmã, com o pai falecido, foi criada por uma avó e uma tia, enquanto a mãe trabalhava para cuidar dos filhos. Iniciou no mundo de Miss no ano de 2016, quando foi convidada para participar do

⁴⁸ Disponível em: <<https://entretenimento.band.uol.com.br/miss/videos/brasil/16295391/monalysa-alcantara-e-eleita-miss-brasil-2017.html>> acesso em 12 de novembro de 2018.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.joaoalberto.com/2017/09/12/conheca-historia-de-monalysa-alcantara-nordestina-que-venceu-o-miss-brasil-2017/>> acesso em 12 de novembro de 2018.

Miss Piauí *Teen*, faixa que carregava quando ganhou o Miss Brasil Be Emotion 2017. Nesta mesma entrevista, Monalysa revelou que não tinha fluência em inglês, nem outra língua, já que não teve oportunidade. Anteriormente confessou que sempre teve algumas limitações financeiras, estudou em escola pública, mas que com a preparação para o Miss Universo 2017, fez o curso disponibilizado pela organização brasileira que a preparou. Expressou que a parte mais difícil do concurso foi ficar longe da família, amigos e de ter a força e inteligência emocional para lidar com as críticas.

Afirmou que desde cedo entendia que através de sua beleza e representatividade poderia inspirar outras meninas. Mas, para alguns telespectadores do concurso, esse fato não fazia sentido, fazendo com que Monalysa, fosse vítima de racismo ainda durante a coroação.

Nosso país é cheio de diversidade e não existe uma região ou cor de pele que o represente melhor que outra. Somos todos uma mistura de raças e regiões e eu represento não só a mulher negra e nordestina; eu represento todas as mulheres brasileiras que lutam para vencer as adversidades com um gingado irreverente e sorridente, eu represento a resistência. Quero ser exemplo e mostrar que realmente não devemos nos deixar contaminar com a energia ruim, preconceituosa e mesquinha que vem do preconceito. Infelizmente o racismo existe sim, ele não é velado, e precisamos combater. Posso inspirar outras pessoas a não abaixar a cabeça e a entender que o racismo é um erro, somos todos iguais. O racismo é crime e eu estou aqui para lutar e dar voz contra ele. (ALCÂNTARA, 2017)

Esse discurso da Miss foi em resposta aos diversos comentários racistas destinados a ela. Destes discursos, escolhemos alguns que se destacaram na mídia em geral, para exemplificar. No *Twitter*: “*Credo!!! A Miss Piauí tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra tá aí*”; (No início do confinamento); “*#missbrasil eu to de cara! Miss RS tem inglês fluente, ai vem a Miss Piauí se vitimizar e ganha o concurso. ME POUPE!* (Na noite da coroação); “*engraçado que brasilidade agora tem que vir na pele negra, isto é o cúmulo desrespeito a Miss RS, lindíssima.*”; e um no *Facebook*: “*Não é exagero, Só quero que ela morra antes do MU, pra Ju assumir o posto*”.

Os discursos, tanto do *Twitter* como do *Facebook*, não foram mais encontrados na íntegra, buscamos nestas redes, no entanto já haviam sido excluídos. Por isso anexamos de outras fontes que fizeram *print*⁵⁰. A escolha destes

⁵⁰ Que significa criar uma imagem mostrando o que se ver na tela do celular ou do computador naquele momento.

se deu pela alta repercussão que obtiveram na mídia. Por outro lado, também encontramos comentários elogiando o concurso, parabenizando e apoiando Monalysa (*figura 19, 20, 21, 22, 23*). No próximo capítulo, é o momento em pontuaremos esta análise detalhadamente, trazendo os sentidos sobre a identidade da mulher negra que estes comentários suscitaram.

Figura 19: Mulher negra virá Miss



Fonte: Site Blastingnews⁵¹

⁵¹ Disponível em: <<https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2017/08/negra-e-linda-miss-brasil-2017-foi-detonada-e-humilhada-na-internet-001942337.html>> acesso em 22 de novembro de 2018

Figura 20: Melhor comentário



Fonte: IBahia⁵²

⁵² Disponível em: < <https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/miss-brasil-monalysa-alcantara-e-alvo-de-racismo/>> acesso em 22 de novembro de 2018

Figura 21: O sonho se tornou realidade



Fonte: MissNews⁵³

Figura 22: Lais Ribeiro



Fonte: Site Portalodia.com⁵⁴

⁵³ Disponível em: <<http://www.missnews.com.br/noticias/wellington-dias-parabeniza-miss-brasil-monalysa-alcantara>> acesso em 22 de novembro de 2018

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.portalodia.com/noticias/piaui/whindersson-nunes-e-lais-ribeiro-defendem-miss-brasil-nas-redes-sociais-304481.html>> acesso em 22 de novembro de 2018

Figura 23: Ordem do Advogados do Brasil

Nota de Repúdio

A Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Piauí, através da Comissão da Mulher Advogada, vem a público repudiar veementemente postagens preconceituosas de cunho racista e discriminatório veiculadas em redes sociais desferidas em face de Monalysa Alcântara, eleita recentemente Miss Brasil 2017, aclamada como legítima representante da mulher piauiense e brasileira por seus atributos pessoais que não se limitam ao critério beleza, mas por sua inteligência, brasilidade registrada em sua fala íntegra de uma jovem mulher que luta pela igualdade e defesa dos direitos da mulher. Tais ataques injustificáveis e inaceitáveis representam claramente injúria racial e fomentam a violência contra a mulher negra, afetando a todas as mulheres brasileiras, o que deve ser repudiado por toda a sociedade.

Por: Nathalia Amaral

Fonte: GP1⁵⁵

Mesmo com esses comentários positivos, podemos perceber que são poucos comparados aos comentários criminosos que encontramos. Por isso no próximo capítulo buscaremos explicar sobre esses comentários racistas e faremos uma análise mais detalhada sobre eles.

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.gp1.com.br/noticias/oab-pi-repudia-manifestacoes-racistas-contramonalysa-alcantara-419660.html>> acesso em 22 de novembro de 2018

4. O GRAND FINALE: SENTIDOS SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA A PARTIR DE MONALYSA ALCÂNTARA

Agora eu quero falar em nome de todas as misses e todas as mulheres do Brasil, principalmente às mulheres negras como eu.

Essa coroa me transformou na primeira piauiense a conquistar o Miss Brasil. Ela me conectou com uma vida nova e ampliou meus horizontes. Também me ajudou a superar muitas barreiras. Barreiras que nós, mulheres, enfrentamos todos os dias.

O que é ser mulher? Nós precisamos transformar o conceito, ou o preconceito que cai sobre nós.

Ser mulher é ser guerreira para lutar contra o machismo, contra o assédio, e contra a violência que nós sofremos diariamente.

Ser mulher é querer igualdade de salário e tratamento perante os homens. A única coisa que diferencia uma mulher de um homem no trabalho é a oportunidade.

Ser mulher é ser deusa para espalhar nosso amor e poder. Ser mulher é ser mãe, é ser independente, ser política, ser médica, professora, filósofa e miss.

Não somos objetos e nem propriedade de ninguém. Nosso corpo, nossa alma, nossas regras! Ser mulher é ser você mesma e é por isso que eu digo que toda mulher é uma rainha. Discurso final Monalysa Alcântara, 2018⁵⁶

O Grand Finale é o momento mais esperado de um concurso de beleza, o momento em que se põe a prova todos os dias que se passou, é quando se apresenta para o grande público que aguarda ansiosamente a chegada e entrada de cada candidata. Ao encontro desse momento que acontece nos concursos de beleza, na pesquisa é o momento em que apresentamos nossa análise e explanamos sobre nosso objeto, tentando responder nossas inquietações.

4.1 Miss Brasil 2017 nas redes sociais

A partir da pesquisa inicial, encontramos mais de 50 comentários entre o período buscado, a partir do início do confinamento (09 de agosto de 2017), ao dia

⁵⁶ Discurso Monalysa. Disponível em: <<https://entretenimento.band.uol.com.br/miss/brasil/noticias/100000915526/monalysa-alcantara-encerra-reinado-com-chave-de-ouro;-veja-o-discurso.html>> acesso em 22 de novembro de 2018.

seguinte do termino do concurso (21 de agosto de 2017). Esses discursos foram publicados principalmente no *Twitter*. Percebemos, de modo geral, pouquíssimos comentários elogiando a Miss, a grande maioria era criticando-a pelo fato de ter “tirado” a coroa da Miss Rio Grande do Sul.

Para análise, classificamos os comentários encontrados em positivos e negativos (Tabela 1), totalizando 38 comentários. Chegamos a esse número a partir da eliminação de comentários com conteúdos semelhantes, ideias repetidas ou desconexas à pesquisa. Ou seja, esses 38 comentários são representativos dos demais que encontramos.

Tabela 1: Listagem de comentários

| POSITIVOS | NEGATIVOS |
|--|--|
| A que ta colocando a coroa nela, foi eleita ano passado, por ser a mais bonita, ninguém se importou com a cor de pele. Isso é irrelevante. | #missbrasil Eu to de cara! Miss RS tem inglês fluente, ai vem a Miss Piaui se vitimizar e ganha o concurso, me POUPE |
| Se é isso, porque ano passado quando a Raissa ganhou todo mundo adorou e não houve polemica? Todo mundo virou racista de um ano pra ca? | Engraçado que a brasilidade agora tem que vir na pele negra, isso é o cúmulo desrespeito a miss RS, lindíssima #MissBrasil2017 |
| A casa grande surta, quando uma Mulher Negra vira Miss Monalysa Alcantara, a nova MISS BRASIL 2017 #MissBrasil2017 | Racismo reverso não existe. Existe racismo. E racismo também é contra brancos, é contra todas raças e não só contra negros |
| Que desagradável temos que parabenizar não ao racismo. Brasil vamos acordar o nosso País queira ou não somos miscigenados | Credooooo! A Miss Piaui tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra ta ai. Sorry |
| #MissBrasil pra que se sentirem superiores gente, somos todos brasileiros!!! Até quando isso | Racismo é racismo, não importa se é com branco ou com preto. Você acha que, no miss brasil, quando disseram que a Monalysa ganhou porque ela tinha mais “brasilidade” que a outra, não foi uma forma de racismo? |
| Coisa de gente idiota, apenas! Minha única ressalva sobre os jurados foi dizerem que a Miss Piaui tem mais “brasilidade”! Oi? Racismo! | Não desmerecendo a vencedora... tanto no miss Brasil qnto no miss universo há corrupção, todo é política. Não é merecimento |
| Essa moça perdeu o miss Brasil por que na opinião do jurados a “brasilidade” estava na outra. Inveja é uma merda | Miss Gaúcha parece a balconista de padaria...porque ninguém achou preconceituoso esse post, comparando a |

| | |
|--|---|
| | gaúcha c/ balconista? Pq é branca? |
| | As próprias cotas já é racismo! |
| | Miss Piauí TRABALHA PARA O PT? PORQUE PARECIA QUE ELA ERA UMA MILITANTE POLITICA DE ESQUERDA NO #MissBrasil NÃO MERECEU |
| | Não é exagero. Só quero que ela morra antes do UM, pra Ju assumir o posto |
| | Cara, isso tá ficando perigoso. Agora não se pode DISCORDAR que você é racista. Daqui a pouco seremos proibidos de falar |
| | Cabelo black power eh uma parada esquisita e eu fico olhando sempre que vejo na rua e pensando como vai no cinema essa pessoa |
| | Quem sofreu preconceito foi a gaúcha, idiota! |
| | Ela não é alvo de racismo. As pessoas estão apenas dizendo que havia candidatas mais belas que ela, e que a escolha levanta desconfiança. |
| | Brasil se diz o "país" da miscigenação. Mas de um ano pra, parece que está tendo "preconceito" ao nunca escolher uma mulher branca... |
| | Acho que só ganhou pq tem cabelo cacheado e é morena, beleza exótica sabe? Ela é bem bonita, mas não acho que seja tudo isso. Nada contra ela |
| | Racista é a mídia nojenta do Brasil, que fica acirrando a divisão da sociedade entre negros e brancos e criminalizando a opinião alheia. |
| | As feministas nao vao sossegar enquanto a Miss brasil não for um golfinho trans e índio acima dos 100kg |
| | Mimimi chato e vitimista pra cacete! Agora falar que ela não era a mais bonita, é racismo... |
| | Achava que o critério do #MissBrasil era beleza mas parece que é só ser negra com discurso politicamente correto |
| | Essa deusa perdeu disse que aprendeu valores com a família e perdeu pra concorrente |

| | |
|--|--|
| | que falou em empoderamento contra o machismo. |
| | Quem fizer melhor discurso de vitimismo ganha agora! Acabou, foi os tempos bons do #MissBrasil |
| | Não sou racista e estou me lixando com o tom de pele de miss. A Miss RS merecia ganhar por ser muito mais bonita. Simples assim |
| | A RS é muuuuuuito mais bonita. A Piauí ganhou por cotas mesmo |
| | Se acho que tinha mulheres mais bonitas: racista Prefiro ter um relacionamento hétero: homofóbico Voto no Bolsonaro: facista, machista...etc |
| | De acordo com os jurados brancos não tem "brasilidade" na próxima vez coloca só negras participando com discurso vitimista #MissBrasil |
| | Na próxima eles podem fazer um concurso só com "as cara do brasil" então, no caso, pessoas brancas não podem participar #MissBrasil |
| | Vão acabar separando, um concurso de miss para cada etnia n |
| | Não era um concurso de oratória era de beleza |
| | O país se transformou numa rinha! Se vc NÃO concordar ou tiver uma opinião diferente vc é linxado ng respeita mais opiniões contrarias! QM |
| | A maju fica no JN pq sofreu racismo. A miss vence pq é nem e tem "brasilidade" comerciais de TV tem que ter negro pq se não é racismo |

Fonte: Elaborado pela autora

Desses, conseguimos filtrar apenas 7 comentários entendidos como positivos em relação a Monalysa ser Miss Brasil 2017, contra 31 comentários entendidos como negativos. Já podemos, nesse momento, perceber que há uma relevância de análise desses comentários, visto que não são comentários negativos em relação à técnica de ser Miss, mas sim comentários discriminatórios e criminosos.

A partir destes, montamos uma nova tabela (tabela 2) para afunilar a análise, no sentido de que não conseguiríamos dar conta de analisar individualmente cada um deles, sendo necessário escolher os mais representativos. Dividimos, então, os comentários por temáticas que mais se destacaram no decorrer da pesquisa exploratória, uma coluna com comentários em defesa da Miss RS 2017, e contra Monalysa, outra coluna com discursos de racismo reverso, outra falando sobre cotas e uma última englobando identidade, classe e representação. Fechamos, no total, 14 comentários para serem analisados, que atenderam a temática e respeitam nosso objetivo de entender os sentidos da identidade da mulher negra.

Tabela 2: Tabela temática

| MISS RS 2017 | RACISMO REVERSO | COTAS | IDENTIDADE/CLASSE/ REPRESENTAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Miss Gaúcha parece a balconista de padaria...porque ninguém achou preconceituoso esse post, comparando a gaúcha c/ balconista? Pq é branca? | Quem sofreu preconceito foi a gaúcha, idiota! | A RS é muuuuuuito mais bonita. A Piaui ganhou por cotas mesmo | #missbrasil Eu to de cara! Miss RS tem inglês fluente, ai vem a Miss Piaui se vitimizar e ganha o concurso, me POUPE |
| Não é exagero. Só quero que ela morra antes do UM, pra Ju assumir o posto | Racismo reverso não existe. Existe racismo. E racismo também é contra brancos, é contra todas raças e não só contra negros | | Credooooo! A Miss Piaui tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra ta ai. Sorry |
| Essa deusa perdeu disse que aprendeu valores com a família e perdeu pra concorrente que | Brasil se diz o "país" da miscigenação. Mas de um ano pra, parece que está tendo "preconceito" ao nunca escolher uma mulher | | Cabelo black power eh uma parada esquisita e eu fico olhando sempre que vejo na rua e pensando como vai no cinema essa pessoa |

| | | | |
|--|-----------|--|--|
| falou em empoderamento contra o machismo. | branca... | | |
| | | | Não era um concurso de oratória era de beleza |
| | | | A maju fica no JN pq sofreu racismo. A miss vence pq é nem e tem "brasilidade" comerciais de TV tem que ter negro pq se não é racismo |
| | | | #MissBrasil pra que se sentirem superiores gente, somos todos brasileiros!!! Até quando isso |
| | | | A que ta colocando a coroa nela, foi eleita ano passado, por ser a mais bonita, ninguém se importou com a cor de pele. Isso é irrelevante. |

Fonte: Elaborado pela autora

O próximo passo (tabela 3) foi separar os comentários a serem analisados. Alguns desses serão postos contra outro para contribuir na análise. Identificamos, então, sete categorias de análise: Identidade, Estereótipos e políticas públicas, Classe e "vitimismo", "Racismo reverso", estética negra, representação/representatividade e por fim discurso de ódio e violência.

Tabela 3: Tabela temática para análise

| | | | |
|-------------------|--|---|--|
| Identidade | Miss Gaúcha parece a balconista de padaria...porque ninguém achou preconceituoso esse post, comparando a gaúcha c/ balconista? | Credo!!!!!! A Miss Piaui tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra ta ai. Sorry | A que ta colocando a coroa nela, foi eleita ano passado, por ser a mais bonita, ninguém se importou com a cor de pele. Isso é irrelevante. |
|-------------------|--|---|--|

| | | | |
|---|---|--|---|
| | Pq é branca? | | |
| Estereótipo e Políticas Públicas | Não era um concurso de oratória era de beleza | A RS é muuuuuuito mais bonita. A Piaui ganhou por cotas mesmo | |
| Classe e “vitimismo” | Essa deusa perdeu disse que aprendeu valores com a família e perdeu pra concorrente que falou em empoderamento contra o machismo. | #missbrasil Eu to de cara! Miss RS tem inglês fluente, ai vem a Miss Piaui se vitimizar e ganha o concurso, me POUPE | #MissBrasil pra que se sentirem superiores gente, somos todos brasileiros!!! Até quando isso |
| “Racismo reverso” | Quem sofreu preconceito foi a gaúcha, idiota! | Racismo reverso não existe. Existe racismo. E racismo também é contra brancos, é contra todas raças e não só contra negros | Brasil se diz o “país” da miscigenação. Mas de um ano pra, parece que está tendo “preconceito” ao nunca escolher uma mulher branca... |
| Estética negra | Cabelo black power eh uma parada esquisita e eu fico olhando sempre que vejo na rua e pensando como vai no cinema essa pessoa | | |
| Representação | A maju fica no JN pq sofreu racismo. A miss vence pq é nem e tem “brasilidade” comerciais de TV tem que ter negro pq se não é racismo | | |
| Discurso de ódio e violência | Não é exagero. Só quero que ela morra antes do UM, pra Ju assumir o posto | | |

Fonte: Elaborada pela autora

Para Bardin (2011) esta categorização é como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação, e em seguida, por reagrupamento. Que foi o que fizemos na tabela 3, encontramos dentro dos

variados comentários a temática central de cada um, que funcionaram como nossas categorias de análise. Em seguida, nos itens seguintes analisaremos cada uma dessas categorias.

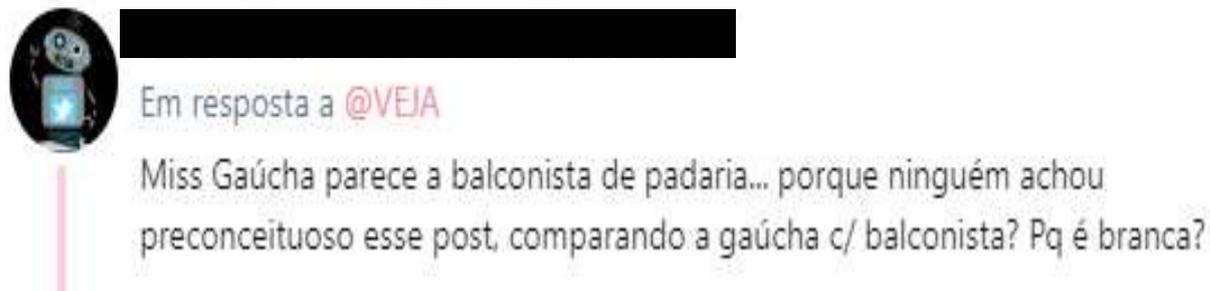
4.2 Análise dos comentários sobre Monalysa Alcântara

Após a análise anterior dos comentários, da sua classificação e agrupamento, percebemos entre eles sete principais núcleos de sentido que expressavam ideias ou valores acerca da imagem da mulher negra. Cada tema visualizado se desdobrou em uma categoria de análise, conforme segue.

4.2.1 Categoria 1: Identidade

Esta categoria busca debater a partir dos comentários os sentidos de inferiorização da mulher negra, de subalternização de sua identidade, entender porque considerar o tom deve ser importante. Para isso, selecionamos 3 comentários, destacando no texto a parte que mais nos chamou a atenção, foram eles:

- Comentário 1: Miss Gaúcha parece a **balconista de padaria...**porque ninguém achou preconceituoso esse post, comparando a gaúcha c/ balconista? **Pq é branca?**
- Comentário 2: Credooooo! A Miss Piaui tem cara de **empregadinha**, cara comum, não tem **perfil de miss**, não era pra ta ai. Sorry
- Comentário 3: A que ta colocando a coroa nela, foi eleita ano passado, por ser a mais bonita, **ninguém se importou com a cor de pele. Isso é irrelevante.**

Figura 24: Comentário 1: publicado em 21 de agosto de 2017

Fonte: Twitter Revista Veja⁵⁷

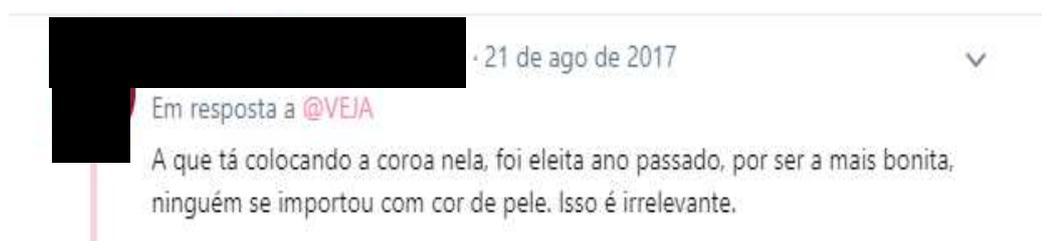
Figura 25: Comentário 2: publicado em 20 de agosto de 2017

Fonte: Site Blastingnews⁵⁸

⁵⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/veja/status/899616968625586176>> acesso em 23 de novembro de 2018

⁵⁸ Disponível em: < <https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2017/08/negra-e-linda-miss-brasil-2017-foi-detonada-e-humilhada-na-internet-001942337.html>> acesso em 23 de novembro de 2018

Figura 26: Comentário 3: publicado em 21 de agosto de 2017



Fonte: Twitter Revista Veja⁵⁹

Os comentários acima elencados retratam alguns pontos que já discutimos no decorrer do estudo, primeiramente o sentido ocupado pela mulher, de limitar a uma função como forma de “ofensa”, ligada ao trabalho, mas não qualquer trabalho, um que tenha como função de inferiorização em relação à outra pessoa. Também é possível perceber o sentido de a mulher negra estruturalmente ocupar um lugar subalternizado, através da palavra “*empregadinha*”, ainda no diminutivo, retrata a discussão que fizemos anteriormente, em que Kilomba (2012 *apud* Ribeiro, 2017), explica que se a mulher é o outro do homem por não ter reciprocidade do olhar do homem, a mulher negra é o outro do outro. Além deste, podemos refletir sobre representatividade midiática feita da mulher negra, entendendo que o comentário dito “*empregadinha*”, é porque muitas vezes é essa imagem que aparece na TV, nas novelas, seriados, jornais. São esses os papéis ocupados pelas mulheres negras, o que discutimos no *item 3.2* desta pesquisa. Ao encontro deste fato, levanta-se a questão de que as mulheres negras estão em diversos discursos em que deturpam a nossa realidade, no debate sobre racismo, o sujeito é o homem negro, nos discursos sobre gênero o sujeito é a mulher branca, no discurso de classe, “*raça*” não tem lugar. Ou seja, o lugar em que ocupamos é invisível, sofremos uma carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade.

Além disso, outro aspecto interessante é quando indagamos sobre o perfil de Miss, juntamente ao questionamento da frase “*ninguém se importou com a cor de pele. Isso é irrelevante*”. Precisamos refletir sobre o termo “*irrelevante*”, pois está menosprezando a identidade que lutamos para salvar e ser representativa, então ao mesmo tempo em que se entende como um comentário positivo (*tabela 1*), se problematiza esse termo, bem como se problematiza o perfil das outras 30 Misses

⁵⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/veja/status/899616968625586176>> acesso em 23 de novembro de 2018

que venceram o concurso do Miss Brasil, entre o reinado de Deise Nunes e Raissa Santana. Juntando esses dois pontos, recordamos Ribeiro (2018, p.141) quando diz que no período escravocrata,

Era comum que as escravas de pele mais clara, com traços mais próximos do que a branquitude propaga como belo, assumissem os postos na casa-grande. Seus corpos não eram vistos como propriedade delas, prestavam apenas para ser explorados em trabalhos servis exaustivos, além de serem depósitos de abuso sexual, humilhação, vexação e violência emocional constantes.

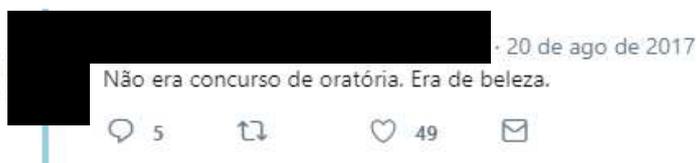
De forma alguma estamos avaliando ou julgando o mérito de Raissa ao representar o Brasil no Miss Universo, estamos apenas analisando e tensionado que talvez o perfil estético da Miss 2017, seja um dos motivos pelo fato da cor da pele ser “irrelevante”. Cabe ainda, considerar que a mulher branca tem privilégios simbólicos e matérias que, no Brasil, andam lado a lado com aparência, status e fenótipo (SCHUMAN, 2014 *apud* Quadrado, 2016). Alinhado ao perfil de Miss, também podemos perceber o recorte de classe, que falaremos na análise da *categoria 3*.

4.2.3 Categoria 2: Estereótipo e Políticas Públicas

Na categoria 2 juntamos Estereótipo e Políticas Públicas, no sentido que questionamos o estereótipo de uma Miss e discorremos sobre o conceito de cotas, através das políticas Públicas. Representando essa categoria, temos dois comentários, com destaque para os trechos mais relevantes:

- Comentário 4: Não era um concurso de **oratória** era de **beleza**
- Comentário 5: A RS é **muuuuuuito mais** bonita. A Piaui **ganhou por cotas** mesmo

Figura 27: Comentário 4: publicado em 20 de agosto de 2017



Fonte: Twitter⁶⁰

Figura 28: Comentário 5: publicado em s/data



Fonte: reprodução do comentário no dia 22 de agosto de 2017 por Huff post Brasil⁶¹

Nesses comentários percebemos o estereótipo que o telespectador do concurso faz das mulheres que participam do evento. No entendimento deste, a candidata não precisa ter voz, ou mesmo todas as especificações/ características que trouxemos anteriormente, basta apenas ter beleza – ideia essa que já desqualifica a imagem da mulher, trazendo e reforçando a ideia de mulher enfeite ou objeto.

O que podemos perceber com esses dois comentários é o fato de que Monalysa se expressar melhor que a Miss RS 2017, incomodou muitas pessoas, retornando nosso pensamento na referência de Ribeiro (2018, p.58), “Eu já havia percebido que uma mulher empoderada incomoda muita gente _ basta perceber os olhares e os comentários de algumas pessoas quando veem uma que não se curva às exigências da sociedade racista e misógina. ”. Pensando nesse sentido, uma

⁶⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/tonystarkmeta/status/899142004784934912> > acesso em 23 de novembro de 2018

⁶¹ Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/08/22/monalysa-alcantara-a-terceira-miss-brasil-negra-e-o-velho-racismo-brasileiro_a_23157928/> acesso em 23 de novembro de 2018

mulher negra ter essa visibilidade e “poder” ao ser considerada a mulher mais bonita do país é muito relevante para as demais mulheres negras.

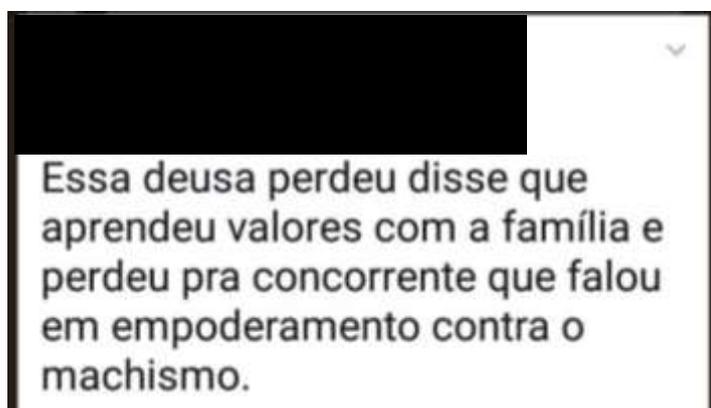
Outro ponto a ser destacado aqui é o discurso errôneo do conceito de cotas como uma vantagem para o povo negro, sendo que sabemos que o sistema de cotas é para sim diminuir a desigualdade entre brancos e negros, problematiza-se ainda que o termo “cotista”, muitas vezes é usado de forma discriminatória, que inferioriza, com a intenção de ofender o outro.

4.2.3 Categoria 3: Classe e “vitimismo”

Nessa categoria buscamos alocar os comentários que mantinham o discurso de que racismo é vitimismo, alegando que Monalysa havia sido vitimista nas suas falas durante o concurso Miss Brasil Be Emotion 2017. Para esta, separamos 3 comentários:

- Comentário 6: Essa deusa perdeu disse que aprendeu **valores com a família** e **perdeu** pra concorrente que falou em **empoderamento contra o machismo**.
- Comentário 7: #missbrasil Eu to de cara! **Miss RS** tem **inglês fluente**, ai vem a Miss Piaui se **vitimizar** e ganha o concurso, me POUPE
- Comentário 8: #MissBrasil pra que se sentirem superiores gente, **somos todos brasileiros!!!** Até quando isso

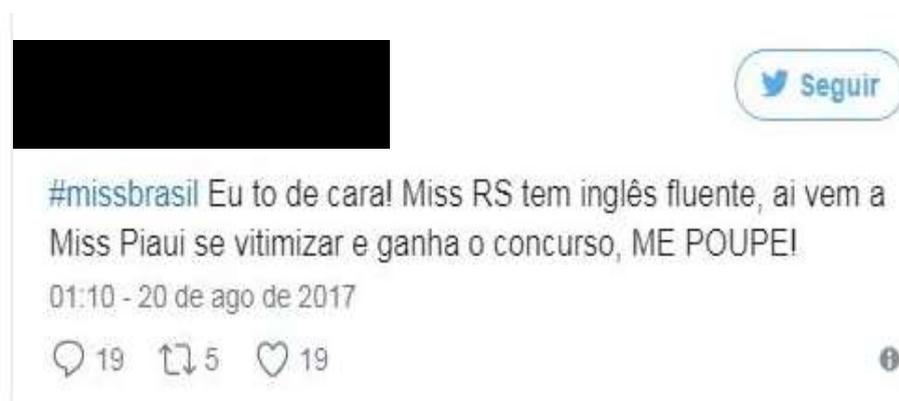
Figura 29: Comentário 6: publicado em s/data



Fonte: reprodução do comentário no dia 22 de agosto de 2017 por Huff post Brasil⁶²

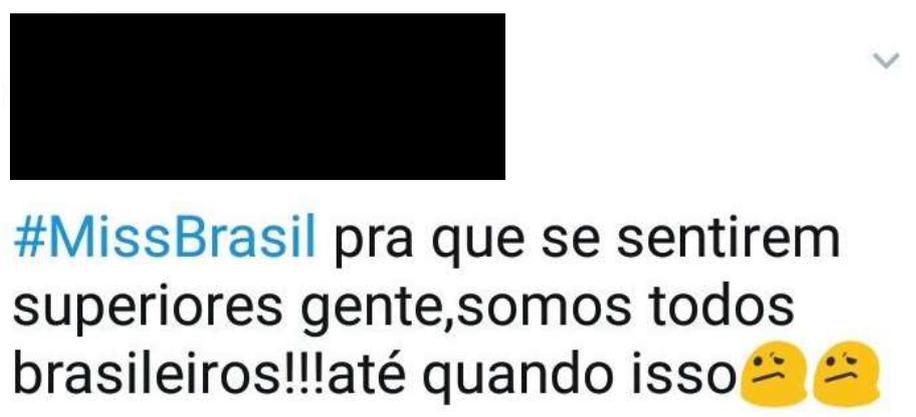
⁶² Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/08/22/monalysa-alcantara-a-terceira-miss-brasil-negra-e-o-velho-racismo-brasileiro_a_23157928/> acesso em 23 de novembro de 2018

Figura 30: Comentário 7: publicado em 20 de agosto de 2017



Fonte: reprodução do comentário no dia 22 de agosto de 2017 por Huff post Brasil⁶³

Figura 31: Comentário 8: publicado em s/data



Fonte: Twitter do dia 20 de agosto de 2017⁶⁴

Nesta discussão, percebemos um fator bem importante relacionado a questões sociais. Ademais, observamos que as pessoas entendem como vitimismo o debate sobre o tema. A Miss RS 2017 não perdeu pelo discurso familiar, mas sim por formular frases que não tivessem sentido na reta final do concurso, como podemos perceber no item 3.3.

Depois, ainda temos as questões de classe, em que Monalysa estava colocada, visto que relatou ter mais irmão e uma irmã, ter pai falecido, e foi criada por uma avó e uma tia, enquanto a mãe trabalhava para cuidar dos filhos, afirmou

⁶³ Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/08/22/monalysa-alcantara-a-terceira-miss-brasil-negra-e-o-velho-racismo-brasileiro_a_23157928/> acesso em 23 de novembro de 2018

⁶⁴ Disponível em: <<https://goo.gl/EKH2jt>> acesso em 23 de novembro de 2018

também, que sempre teve algumas limitações financeiras e estudava em escola pública. Ou seja, podemos interpretar que a questão social de Monalysa, faz com que ela não tenha tido oportunidade de cursar inglês ou realizar outros tipos de curso.

Para mais, problematizamos a expressão “vitimismo”, que comprovamos no capítulo 2 não ser “vitimismo” e sim uma realidade que, enquanto mulheres negras, somos minorias. Ribeiro (2018, p. 132) defende que “ninguém fala em racismo por ser gostoso ou por não ter mais nada para fazer da vida. Ninguém gosta de bater na mesma tecla, mas a sociedade não dá outra opção. ” Ou seja, não estamos nos vitimizando, estamos falando sobre uma realidade que algumas pessoas fingem não existir, estamos abrindo os olhos de uma sociedade racista, que interpreta uma realidade de família humilde como vitimismo. Este contexto reforça que as pessoas têm pouca noção da realidade no nosso país, como diz pesquisa do Ipsos⁶⁵, alertando que o Brasil está 2º em ranking de ignorância sobre a realidade. Indo ao encontro do que diz no *comentário 8*, ao mesmo tempo em que ele está classificado como positivo segundo a tabela 2, ele também nos preocupa quando diz que “somos iguais”, apagando as questões de diversidade, tanto racial, de classe de gênero.

4.2.4 Categoria 4: “Racismo reverso”

Aqui englobamos os comentários que sugerem que a Miss RS sofreu racismo reverso, por isso buscamos refletir sobre o conceito de racismo. Pontuamos 3 comentários para explicar:

- Comentário 9: Quem sofreu **preconceito foi a gaúcha**, idiota!
- Comentário 10: Racismo reverso não existe. Existe racismo. E **racismo também é contra brancos**, é contra todas raças e não só contra negros
- Comentário 11: Brasil se diz o “país” da miscigenação. Mas de um ano pra, parece que está tendo “**preconceito**” **ao nunca escolher uma mulher branca...**

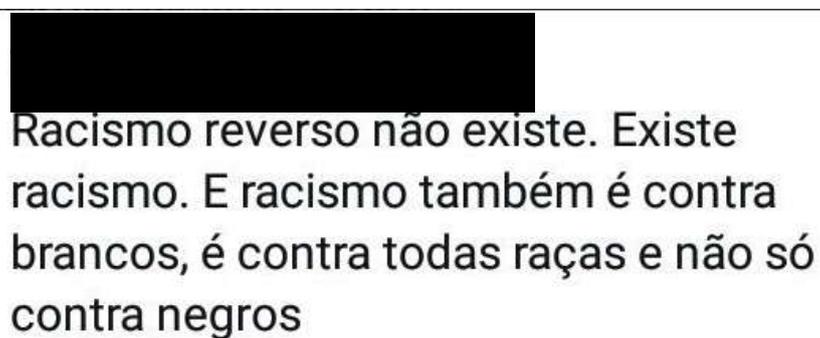
⁶⁵ Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-fica-em-2o-em-ranking-de-ignorancia-sobre-a-realidade/>> acesso em: 23 de novembro de 2018

Figura 32: Comentário 9: publicado em s/data



Fonte: Twitter do dia 20 de agosto de 2017⁶⁶

Figura 33: Comentário 10: publicado em s/data



Fonte: Twitter do dia 20 de agosto de 2017⁶⁷

⁶⁶ Disponível em: < <https://goo.gl/EKH2jt>> acesso em 23 de novembro de 2018

⁶⁷ Disponível em: < <https://goo.gl/EKH2jt>> acesso em 23 de novembro de 2018

Figura 34: Comentário 11: publicado em s/data

 Brasil se diz o
 "país" da miscigenação. Mas de um ano
 pra cá, parece que está tendo
 "preconceito" ao nunca escolher um
 mulher branca....
 2h 8 curtidas Responder

Fonte: Diário de Pernambuco publicado dia 21 de agosto de 2017 ⁶⁸

Para análise do primeiro comentário, relembremos novamente a pesquisa do Ipsos⁶⁹ alertando que o Brasil está 2º em ranking de ignorância sobre a realidade. Dos 63 anos do Miss Brasil, tivemos três misses negras e uma única vez na história desse concurso uma negra colocou a coroa em outra negra. Durante todos esses outros anos de concursos em que mulheres brancas venceram não se questionou sobre "preconceito". Entendemos, como já destacado anteriormente, que a dominação em uma sociedade não se dá apenas a partir da propriedade e do poder. A cultura do vivido também exerce influência na nossa forma de pensar e sentir, através de suas pressões e limites que promovem a (re) produção de uma ordem social profundamente arraigada, que é o que observamos nos concursos de beleza e nos comentários como esse. E ao encontro desse comentário, temos os outros em que precisa ser exemplificado o sentido da palavra racismo,

[...] tem a ver com poder, com privilégios. A população negra não tem poder historicamente. Racismo é uma problemática branca, portanto temos que começar pela desmitificação. Dentro de comunidades marginalizadas pode haver preconceito, isso é uma coisa, mas poder é a definição de racismo. (RIBEIRO, 2018, p.111-112)

Ou seja, precisa-se refletir melhor sobre o racismo, e entender que não houve racismo contra brancos, pelo simples fato de que não estão sendo minorizados pela cor da sua pele. Adicionamos ainda a reflexão de que a estética branca é considerada a bela e não estigmatizada como a estética negra, as crianças brancas crescem com representatividade nos desenhos, na mídia, nos brinquedos...

⁶⁸Disponível

em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/08/21/internas_viver,718677/miss-brasil-2017.shtml> acesso em 23 de novembro de 2018

⁶⁹ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-fica-em-2o-em-ranking-de-ignorancia-sobre-a-realidade/>> acesso em: 23 de novembro de 2018

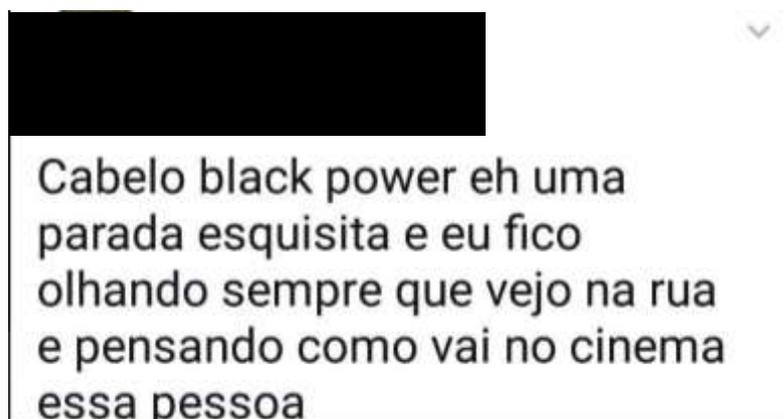
podemos ser mortos por nossa cor, podemos não ser contratados em uma organização por nossa cor, e inúmeros exemplos poderíamos pontuar, sendo assim, não existe racismo reverso, porque o branco não é OPRIMIDO.

4.2.5 Categoria 5: Estética negra

Esta categoria, está alinhada brevemente com as categorias anteriores (*categoria 1 e 4*), quando pontuamos sobre qual é a estética entendida e considerada como bela e quando falamos sobre identidade. Por isso, nessa etapa, escolhemos um comentário para analisar:

- Comentário 12: **Cabelo black power** eh uma parada **esquisita** e eu fico olhando sempre que vejo na rua e pensando como vai no cinema essa pessoa.

Figura 35: Comentário 12: publicado em s/data



Fonte: reprodução do comentário no dia 22 de agosto de 2017 por Huff post Brasil⁷⁰

Pontuamos no item 4.3 que a Miss Brasil Be Emotion 2017 não se reconhecia enquanto mulher negra e não aceitava seu cabelo, sabendo que essa é a realidade de grande parte da mulher negra. Quando nos reconhecemos enquanto mulheres negras também aceitamos o cabelo *black power*, porque é uma questão de identidade e força, assim como diz (MUNANGA, 2012, p.19 *apud* Quadrado, 2016, p. 51-52),

⁷⁰ Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/08/22/monalysa-alcantara-a-terceira-miss-brasil-negra-e-o-velho-racismo-brasileiro_a_23157928/> acesso em 23 de novembro de 2018

O negro tem problemas específicos, a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua “inferiorização” e baixa- estima [...] Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva. A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.

Reforçando por Gomes (2008), o cabelo crespo é simbólico, “[...] um simbolismo que tem suas origens na África, não como um atributo natural, mas social, estético e espiritual. O cabelo crespo é um símbolo da identidade negra, um meio de luta para aceitação, beleza e identidade. ”. Ao encontro disso, é de extrema relevância quando uma modelo com a representatividade que Monalysa tem e teve no concurso mantem o seu cabelo natural. Entendemos que não aceitar o cabelo é negar uma identidade, negar uma diferença, como se houvesse um cabelo certo. E isso percebido quando falamos sobre a representatividade na mídia e principalmente nas telenovelas. Mais uma vez é um padrão de beleza que se impõe. Além disso, é quase como tratar aquele cabelo como algo exótico, diferente e não natural.

4.2.6 Categoria 6: Representação

Aqui buscamos discorrer sobre a representação e representatividade, analisando pontos que tratamos no capítulo 2 desta pesquisa. Para essa, analisamos o seguinte comentário:

- Comentário 13: A **maju** fica no **JN** pq **sofreu racismo**. A miss **vence** pq é **negra** e tem “**brasilidade**” comerciais de **TV** tem que **ter negro** pq se não é **racismo**.

Figura 36: Comentário 13: publicado em 21 de agosto de 2017



Fonte: Site Estadão⁷¹

Quando a sociedade questiona sobre ter negros nos diferentes meios, podemos compreender que não entendem o simples fato de representatividade e diversidade. Que ainda é diferente de representação. Isso está refletido no racismo estrutural brasileiro. Uma estrutura já consolidada de exclusão da figura do negro em termos de representação. A mídia ainda faz apenas representações do povo negro, e precisamos de representatividade. É o que diz Assis⁷² (2018), quando afirma que o racismo está estruturado na sociedade, naturalizado e que a única forma de combater é sim enfrentando, fazendo com que as emissoras debatam sobre o assunto. No item 2.2, discorreremos sobre as representações feitas e os lugares ocupados por negros na mídia, acrescentando com a análise feita na *categoria 2* e *5*, quando na *categoria 2* tratamos sobre a questão de cotas, que segundo o comentário, Monalysa ganhou porque “uma negra tinha que ganhar”, não compreendendo a real importância dessa realidade, bem como na categoria 5 ao analisarmos que a identidade está conjunta com a representatividade.

⁷¹ Disponível em: < <https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,monalysa-alcantara-a-miss-brasil-e-vitima-de-racismo-na-internet,70001944849>> acesso em 23 de novembro de 2018

⁷² Procuradora responsável pela Coordenadoria Nacional de Promoção à Igualdade e Combate à Discriminação no Trabalho do Ministério Público do Trabalho.

4.2.7 Categoria 7: Discurso de ódio e violência

Esta categoria, deixamos para o final, não por ser menos importante, pelo contrário, justamente porque foi um dos comentários que estava presente em diferentes sites e com grande visibilidade, justamente pelo conteúdo que é escrito nele.

- Comentário 14: **Não é exagero. Só quero que ela morra antes do MU, pra Ju assumir o posto**

Figura 37: Comentário 14: publicado em s/Data



Fonte: Diário de Pernambuco publicado dia 21 de agosto de 2017 ⁷³

Para finalizar, este comentário é um desejo de morte à Monalysa, em favor do sucesso da Miss RS 2017. No capítulo 2.1, discorreremos sobre a violência que a mulher negra sofre, e que já sofreu no tempo da escravidão, mas mesmo assim têm pessoas que expressam essa violência, machismo e discurso de ódio em suas redes. Sabendo que de acordo com o Atlas da Violência 2017, a população negra também corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios e a mulher negra é quem mais morre no Brasil, realidade essa confirmada e reafirmada através desse comentário.

Outra percepção é de que o lugar que Monalysa ocupou quanto Miss Brasil, não era dela, como se ela devesse morrer para que a “verdadeira dona” daquela coroa assumisse, criando dessa mulher negra uma inimiga, como diz Ribeiro (2018. p.58), “uma mulher negra empoderada incomoda muita gente – basta perceber os olhares e comentários de algumas pessoas quando veem uma que não se curva as exigências de uma sociedade racista e misógina. ”, e conseguimos perceber esses

⁷³Disponível

em:<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/08/21/internas_viver,718677/miss-brasil-2017.shtml> acesso em 23 de novembro de 2018

fatos, na análise dessas categorias. Ribeiro (2018. p.59) ainda afirma que todos esses discursos do mesmo modo, têm seu lado positivo, “se a mulher negra no poder assusta tanto[...], é porque se está desnaturalizando o lugar de submissão que foi construído entre nós; o incômodo não está mais em nós, por julgarmos que certos espaços não nos pertencem”. Esse incômodo está direcionado para o lugar correto.

4.3 Sentidos sobre a identidade da mulher negra

Após observamos individualmente cada comentário, podemos concluir que a maioria deles se dava em defesa da Miss RS, como fato de que a mulher negra não pode representar o Miss Brasil Be Emotion, devido as suas características físicas. Compreendemos, então, que o “perfil ideal” de Miss, construído a partir desses comentários, seria uma mulher branca, com traços europeus, objetificada no sentido em que analisamos na *categoria 2, comentário 4*, a qual se refere a candidata como apenas uma mulher bela, que não precisa ter voz e boa oratória, que deve pertencer a uma classe social elevada. Esta mulher também não deve ser questionadora, já que abordar questões e pautas sociais não é relevante. Em suma, é um perfil que exclui a mulher negra em muitos sentidos.

Para estes, através da imagem de Monalysa Alcântara e dos comentários feitos sobre ela, se percebe que os sentidos sobre a identidade da mulher negra estão atrelados ao desprezo pelo corpo negro, de uma não beleza brasileira, uma mulher inferior, subalterna, vitimista, que não tem direitos, que é diferente – mas um diferente sem a ideia de igualdade e diversidade, mas sim de “desigualdade”, um sentido de “outro”, conforme tratamos no capítulo 2.3 quando refletimos sobre o racismo, em que o sujeito é o homem negro, nos discursos sobre gênero o sujeito é a mulher branca, no discurso de classe, “raça” não tem lugar. Percebemos, ainda, que para além do preconceito com a estética negra existe uma repugnância em ver mulheres negras ocupando espaços de poder até então ocupados majoritariamente por mulheres brancas, tanto em concursos de beleza, cargos públicos, telenovelas, meio social. Tem-se a ideia de que, por algum motivo, tais espaços sejam destinados apenas para pessoas brancas e tê-los ocupado por negros é uma afronta.

Percebemos, ainda, um entendimento desconexo da sociedade em relação aos concursos de beleza, diferente do que abordamos nesse trabalho. Para muitos, o concurso é apenas um evento para eleger a mulher mais bela, sem levar em conta aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos. Não se reconhece ali um espaço de representação e representatividade, um espaço de referência para muitos. Além disso, outro aspecto interessante a ser observado é que em alguns comentários, mesmo quando favoráveis a Miss Monalysa Alcântara, apelavam para generalizações e certo racismo velado, que apaga e enfraquece a identidade negra. Situação essa que confirma, mais uma vez, o quanto nossa sociedade é ainda é preconceituosa e se esconde através de uma falsa ideia de que “não existe racismo no Brasil”.

Evidentemente, compreendemos que estas questões não sejam isoladas, problemas ou culpa de uma pessoa. A situação é muito mais complexa e se relaciona com diversos elementos em nossa sociedade. O racismo se reafirma na escola quando se negligencia o ensinar da história do povo negro para os estudantes, ou quando na fala do senso comum, se diz que o negro é escravo – e não um povo que foi escravizado. Ou quando se exalta o hino de um estado que afirma que “povo que não tem virtude acaba por ser escravo”, não levando em conta as problematizações sobre isso, já que “é apenas uma música”. Conhecer a história do povo negro é compreender por que vivem nas periferias das cidades, por que ocupam determinadas profissões, por que têm menos oportunidades, piores condições econômicas, culturais e sociais. Fatores esses desconhecidos ou ignorados por muitos que acreditam que “esse tempo já passou”. Todas essas questões espelham uma realidade muito preocupante de números de violência, de agressões, mas que estão longe de ser o reflexo dessa mulher negra, de representar quem ela de fato é. Refletem mais uma vez o lugar em que ocupamos enquanto mulheres negras de invisibilidade, aliás, o lugar em que a sociedade acredita que devemos ocupar, por isso que quando nos destacamos em espaços de grande relevância, por exemplo, um concurso de beleza, essa mesma sociedade se revolta.

COROAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deise Nunes (1986), Raissa Santana (2016), Monalysa Alcântara (2017), são mulheres de muita garra e força. Sem dúvida inspiraram muitas mulheres negras a não apenas seguir a carreira de modelo e/ou Miss, mas contribuíram na construção da identidade dessas mulheres, assim como eu.

Como proposto na parte inicial deste trabalho, buscamos mapear os elementos do contexto histórico e social que contribuem para a configuração da identidade da mulher negra. No capítulo um discorrendo sobre os principais pontos e conceitos, trouxemos o contexto histórico e posicionamento dos Estudos Culturais, o viés da cultura e da Identidade nos EC, e por fim, mas não menos importante tratamos do conceito de gênero buscando afunilar para nosso principal objeto que é a mulher negra.

Refletimos sobre a problemática do racismo, especialmente inserido no contexto de concursos de beleza, no capítulo dois, em que aprofundamos os questionamentos referentes à mulher negra na sociedade brasileira, os lugares ocupados por nós nesta sociedade. No intuito de facilitar a leitura dividimos em três sessões, no primeiro momento trouxemos o contexto midiático, para compreendermos de que forma esta mulher negra está sendo representada no Brasil, em seguida estudamos qual é o enquadramento feito da mulher negra na mídia e por fim analisamos as indagações sobre o estereótipo dos concursos de beleza, nessa etapa e no corpus da pesquisa no capítulo 3.3 que contextualizamos a participação das mulheres negras em concursos de beleza, em especial no Miss Brasil 2017, mas fazendo uma retomada das três únicas misses negras a representar o Brasil no Miss Universo.

E por fim interpretamos os discursos utilizados na construção desses comentários a respeito da Miss Brasil 2017, buscando responder nossa problemática inicial de **“quais os sentidos sobre a identidade da mulher negra são mobilizados pela rede social Twitter e Facebook a partir da representação de Monalysa Alcântara?”**. Para nossa surpresa não observamos uma objetificação do corpo de Monalysa, como era nosso pensamento inicial, mas sim uma repugnância por ela estar ocupando um espaço de poder que imaginariamente deveria ser “ocupado” pela Miss RS. Percebemos um forte sentido de inferioridade dessa

mulher, de desigualdade, de “outro”, de indiferença, e de “diferente”. Percebemos ainda, o sentido de desprezo pelo corpo negro, de que o estereótipo do corpo/beleza está acima da identidade feminina, e que a sociedade quando questionada sobre a beleza de uma mulher negra e de uma mulher branca, esta última será sempre percebida como bela.

Todas estas questões e estes sentidos que percebemos ao fim da análise, reforçam ainda mais minha identificação pessoal com o tema. Em muitos momentos não conseguia progredir com a pesquisa, porque de alguma forma a comprovação de nossa imaginação me assustava, fazia com que eu não quisesse ir em frente. Estes sentidos que encontramos através de Monalysa, são sentidos que de alguma forma, enquanto mulher negra, eu sinto. Isso machuca porque é real, a gente sente, e sabe que tem mais mulheres sofrendo com a mesma situação. Por vezes faltavam forças para continuar. Estudar sobre as mulheres escravizadas foi a pior parte para mim, obviamente sabíamos do que foi o período escravocrata, mas me colocar no lugar dos meus ancestrais... eu diria que é insuportável. Ao mesmo tempo, esse mesmo contexto me deu forças para continuar, para lutar e seguir em frente como forma de enfrentamento a todas essas imposições.

Com essa pesquisa e com minha realidade enquanto pesquisadora negra busco apenas iniciar um percurso que ainda pode render em muitos aspectos. É possível, a partir daqui, problematizar a identidade da mulher negra, não apenas em concursos de beleza e redes sociais, mas nos mais diversos espaços midiáticos e cotidianos. Quero expor à sociedade uma realidade que muitas pessoas não entendem ou ainda desconhecem. Espero com este trabalho que, independente de sexo, gênero, raça, classe, ou crença, eu consiga plantar pequenas sementinhas, de respeito, amor, carinho e bom senso com o próximo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAPTISTA, Maria Manuel, Estereotipia e representação social: uma abordagem psicosociológica. In: BAKER, Anthony David. **A Persistência dos estereótipos**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004. Disponível em: <<https://mariamanuelbaptista.com/pdf/EstereotipiaRepresentacaoSocial.pdf>> acesso em 23 de novembro de 2018.

BARICHELO, E. M. D. R.; RUBLESCKI, A. **Pesquisa em Comunicação: Olhares e abordagens**. Santa Maria: Facos- UFSM, 2014.

BITTENCOURT, L. D. J.; NUNES, M. D. O. Transtorno alimentar em estudantes negras de Salvador: a relação com a imagem corporal. **Demetra**, Rio de Janeiro, p. 169-192, 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/22141>>. Acesso em: 13 novembro 2018.

CAVALCANTE, Isabela. “**Por que mulheres negras são as que mais morrem na gravidez e no parto?**”. 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-mulheres-negras-sao-as-que-mais-morrem-na-gravidez-e-no-parto/>>: Acesso em: 25 de abril de 2018

COIRO, Ana Luiza. Epistemologia dos Estudos Culturais: Da dialética ao materialismo cultural. **Anais da Compós**. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1146.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

COUTINHO, L. L. **Antônia sou eu, Antônia é você: Identidade de mulheres negras na televisão brasileira**. Porto Alegre, 2010.

CUCHE, D. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

DALBETO, L. D. C.; OLIVEIRA, A. P. Como uma Deusa: considerações acerca da representação da mulher negra nas HQs de superaventura. **Intexto**, Porto Alegre, p. 97-118, jan/abr 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/54934/37086>>. Acesso em: 13 novembro 2018.

DAVIS, A. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Famecos**, Porto Alegre, dezembro 1998. ISSN 9.

_____. **Os Estudos Culturais**. Website de Estudos Culturais, Porto Alegre, s/m s/ano. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf>. Acesso em: 12 novembro 2018.

_____. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latinoamericana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

_____. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/111>. Acesso em: 28/06/2018.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: Para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, jul/dez 2006. ISSN 2.

GOMES, M. S. A (des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 4, 2010. ISSN 2.

GOMES, N. L.; MIRANDA, S. A. D. Gênero, Raça e Educação: Indagações adivindas de um olhar sobre uma academia de modelos. **POIÉSIS**, Santa Catarina, v. 8, p. 81-103, 2014. ISSN 13. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1373/1623>>. Acesso em: 13 novembro 2018.

GYASI, Y. **O caminho de casa**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC- Rio e Apicuri, 2016.

_____. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e realidade**, 22 (2), julho/dezembro, Porto Alegre, 1997

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. org Liv Sovik; Belo Horizonte; ed.UFMG, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HENRIQUES, M. N. **AH! EU SOU GAÚCHO!** Identidade e humor em O Bairrista. Santa Maria: [s.n.], 2013.

_____. **Identidade feminina gaúcha: Representações de gênero nos programas regionais Bah.** Santa Maria: [s.n.], 2016.

JONHSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006

LIPOVETSKI, G. **O império do Efêmero a moda e seu destino nas sociedades modernas.** Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MORAES, A. L. C. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Epistemologias da comunicação**, v. 4, jan/jun 2016. ISSN 7.

MULLER, M. L. R. A Produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 5, p. 68-81, 2014. ISSN 14. Acesso em: 12 novembro 2018.

MUNAKATA DA SILVA, Sandro Takeshi. **Teorias da Comunicação nos estudos das relações públicas.** Porto Alegre: EDIPUC, 2011. Cáp. 1 e 2. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/teoriasdacomunicacao.pdf>>. Acesso em 28/06/2018

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. **Adolescentes Negras: relações raciais, discurso e mídia impressa feminina na contemporaneidade.** Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-83UMCB/adolescentes_negras_no_discurso_da_revista_atrevida.pdf;sequence=1>. Acesso em: 23 de novembro de 2018

OLIVEIRA, Josiane Silva de; VIEIRA, Francisco Giovanni David. **Os bens de consumo como mecanismo de mediação da reprodução cultural das mulheres negras.** 2009. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/167/168>> acesso em 23 de novembro de 2018.

OLIVEIRA, T. Carta Capital. **Sociedade**, 20 novembro 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>>. Acesso em: 13 abril 2018.

QUADRADO, B. F. **“Era meu sonho ser Miss Mulata”:** A representação da mulher negra e mulata em um concurso de beleza 1969-1999 (Arroio Grande, RS). Pelotas : [s.n.], 2016. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2017/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Beatriz-Flo%C3%B4r-Quadrado.pdf>>. Acesso em: 13 novembro 2018.

RIBEIRO, D. **O que é Lugar de fala.** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

S/NOME. Agência Patricia Galvão. **Violência contra as mulheres**, 2013. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/racismo/pautas-racismo/aviso-de-pauta-racismo-institucional-e-desigualdade-de-genero/>>. Acesso em: 13 novembro 2018.

S/NOME. Dossiê Violência contra as mulheres. **Violência e Racismo**, s/ano. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-e-racismo/>>. Acesso em: 13 novembro 2018.

SODRÉ, M. **Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1999.

STEFFEN, L.; HENRIQUES, M.; FILHO, F. F. L. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. **Anais da Compós**, 2018. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_YC4BHKAK5WU04PVZ58H4_27_6286_07_02_2018_14_30_41.pdf>. Acesso em: 12 novembro 2018.

TOSTE, V.; CANDIDO, M. R. Gemaa. **A cara do Cinema Nacional**, s/ano. Disponível em: <<http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>>. Acesso em: 13 novembro 2018.

WILLIAMS, R. **Cultura y Sociedad**. 1ª. ed. Republica Argentina : Nueva Visión, 2003.

_____. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WOODWARD, K. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 14.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZANINI, M. C. C. GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa**. Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona norte do Rio de Janeiro - O Renasça Clube. Cadernos de Campo, São Paulo, p. 1-354, 2009. ISSN 18.

ZANINI, M. C. C. **Porque Raça?** Breves reflexões sobre a "questão racial" no cinema e na antropologia. Santa Maria: UFSM, 2007.